



Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais
Relações Internacionais

Gabriel Machado Borges de Oliveira

**A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a
importância da liderança em conflitos armados**

Brasília
Junho de 2011

Gabriel Machado Borges de Oliveira

**A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a
importância da liderança em conflitos armados**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - Relações Internacionais do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Tadeu Cardoso Fernandes

Brasília

Junho de 2011

O48i Oliveira, Gabriel Machado Borges de.
A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a importância da liderança em conflitos armados / Gabriel Machado Borges de Oliveira. – 2011.
96 f.

Orientador: Cláudio Tadeu.

Monografia de conclusão de curso (graduação) – Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Curso de Relações Internacionais, 2011.

1. Segunda Guerra Mundial. 2. Conflitos armados. 3. Líderes militares. 4. Brasil. I. Tadeu, Cláudio. II. Centro Universitário de Brasília. III. Título.

Gabriel Machado Borges de Oliveira

**A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a
importância da liderança em conflitos armados**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - Relações Internacionais do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Tadeu Cardoso Fernandes

Prof. Dr. Cláudio Tadeu

Prof. Dr. Delmo Arguelhes

Prof. Mestre. Marco Antônio

Brasília, _____ de junho de 2011.

Dedicatória

A todos os ex-combatentes que saíram de suas casas para lutar por um Brasil melhor, e a todos os líderes, independente da área de atuação, que se dedicam para fazer com que suas equipes atinjam um objetivo comum.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus por ter me abençoado colocando pessoas incríveis ao meu lado e por ter me agraciado em todas as áreas da minha vida. Agradeço a todas as pessoas que contribuíram com o meu trabalho e com a minha trajetória durante a faculdade. Gostaria de deixar aqui a minha extrema gratidão a todas essas pessoas que agregam tanto à minha vida:

Minha mãe Christina, que sempre me apoiou e procurou dar o suporte necessário em todos os meus projetos. Com este trabalho, não foi diferente. Meu pai André, que sempre me mostrou a importância da dedicação e da perseverança. Precisei muito disso no decorrer dessa monografia. Minha irmã Larissa que me dá o exemplo da paciência e do amor humano todos os dias. Minhas avós Ely e Izaltina pelo carinho e reconhecimento. Ao meu avô Agostinho Borges, que além da grande ajuda me acompanhando em todos os passos para que esse trabalho se concluísse, sempre foi um grande exemplo pra mim, me mostrando como se forja o caráter e a dignidade de um homem verdadeiro. Ao meu tio Fernando que sempre se colocou à disposição para me ajudar, mostrando a nobreza de se dar prioridade ao próximo.

Agradeço aos meus grandes amigos Douglas e Bruno. Dizem que em tempos de guerra, principalmente durante grandes conflitos, a irmandade entre os homens é algo tão forte, que os transforma em uma verdadeira família. Tive o privilégio de vivenciar isso em tempos de paz.

Agradeço à Sallya e à Larissa Amaral pela grande ajuda e profissionalismo com as configurações desse trabalho.

Agradeço à Erica Ricco, produtora cultural e amiga, por ter me apresentado à obra e às fantásticas memórias de Arnaldo Nogueira, que contribuiu muito com o desenvolvimento desse trabalho.

Minha especial gratidão ao grande diretor cinematográfico Erik de Castro por ter apresentado, brilhantemente, a atuação dos pilotos brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial em seu filme Senta a Pua! Além de dividir comigo seus conhecimentos sobre o 1º Grupo de Aviação de Caça através da entrevista gentilmente concedida para esse trabalho. Da mesma agradeço à especialista em FEB e autora do Livro Ex-Combatentes Brasileiros: Entre

a história e a Memória. Virgínia Guimarães, pela contribuição com a sua entrevista para esse trabalho.

Agradeço à Azul Linhas Aéreas pela homenagem feita ao 1º Grupo de Aviação de Caça. Lembrar-nos dos feitos desses heróis nos fazem ter orgulho de sermos brasileiros.

Agradeço o apoio do pessoal da Anvfeb em Brasília pelo auxílio e pela cordialidade em me ajudar com materiais e histórias para essa pesquisa.

Agradeço ao João Barone pela força no projeto e por se mostrar sempre aberto às questões relacionadas à participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial.

Agradeço ao Luiz Gabriel do site www.sentandoapua.com.br pela luta na divulgação e propagação das histórias fantásticas dos nossos pilotos na Segunda Guerra.

Agradeço à Cel. Maria Luiza Pigni pela excelente tese de mestrado também sobre o 1ºGAvCa. Sem dúvidas foi grande a contribuição de seus conhecimentos no desenvolvimento desse trabalho.

Agradeço ao meu orientador e professor Cláudio Tadeu pela atenção e prontidão em me mostrar os caminhos para que eu atingisse os meus objetivos com esse trabalho. Também sou grato a todos os meus professores: Delmo, Raquel, Fred, Marco Antônio, além de todos os outros que me acompanharam durante a universidade e contribuíram diretamente com a minha formação.

Agradeço ao meu Chefe Luis Carlos, por me ensinar a cada dia o valor da liderança e por me preparar para ser um futuro líder.

Agradeço aos membros leais da minha equipe: Bernard e André, por me ensinarem todos os dias o valor da lealdade. Tenho certeza que também serão grandes líderes, pois um bom líder deve ser primeiro um bom liderado.

Aos amigos e colegas de turma, que sempre foram solícitos em auxiliar os demais no aprendizado, meus sinceros agradecimentos. Vocês são a prova de que o ser humano vale a pena.

“Para que o mal triunfe, basta que os bons não façam nada”.

Edmund Burke.

Resumo

As teorias e temas das Relações Internacionais apresentam, na maioria dos casos, o Estado como ator mais privilegiado e relevante. Contudo, para defender os interesses do Estado surgem alguns outros atores que se revelam, em diversas situações, essenciais para defendê-lo e garantir sua sobrevivência. Nesse contexto, o presente trabalho pretende identificar a relevância do papel do líder militar em um conflito armado, onde interesses vitais estão em jogo. Para tal propósito, utilizou-se, como estudo de caso, dois líderes militares brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial, o comandante Nero Moura e o sargento Max Wolff. Para análise do contexto em que essas lideranças se desenvolveram, foi necessário identificá-las tomando-se como base o envolvimento do Brasil naquele conflito mundial, segundo os interesses voltados ao desenvolvimento da nação brasileira. Para a elaboração deste trabalho foram consultadas diversas obras e artigos, bem como entrevistas com especialistas na história da participação do Brasil na Segunda Grande Guerra, extraindo-lhes a essência e importância da guerra, da liderança militar e da experiência dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira - FEB e do 1º Grupo de Aviação de Caça - 1º GAvCa.

Palavras-Chave: Líder Militar, Conflito Armado, Segunda Guerra Mundial, Nero Moura, Max Wolff, Brasil, Força Expedicionária Brasileira, 1º Grupo de Aviação de Caça.

Abstract

Theories and themes of the International Relations have, in most cases, the state as the most privileged and relevant actor. However, to defend the interests of the state we perceive the emergence of others actors who have proved, in many situations that they are essential to protect it and ensure its survival. In this context, this paper aims to identify the important role of the military leader in an armed conflict where vital interests are at stake. For this purpose, It-was used as a study of case two Brazilian leaders during World War II, commander Nero Moura and Sergeant Max Wolff. For the analysis of the context in which these leaders have developed themselves, it was necessary to identify them using as basis the involvement of Brazil in that global conflict, according to the interests geared to the development of the Brazilian nation. For the preparation of this work were consulted several books and articles, as well as interviews with experts in the history of Brazil's participation in World War II, extracting the importance and essence of war, military leadership and experience of ex-combatants from the Brazilian Expeditionary Force - FEB and the 1st Fighter Squadron -1^o GA_vCa.

Key-Words: Military Leader, Armed Conflict, World War II, Nero Moura, Max Wolff, Brazil, Brazilian Expeditionary Force, 1st Fighter Squadron.

Lista de ilustrações

QUADRO 1 - Comparação da Liderança Autocrática e Democrática -----	33
QUADRO 2 - Comércio Brasileiro com os EUA e a Alemanha (1933-1938) -----	48
QUADRO 3 - Resultados obtidos pelo 1º Grupo de Aviação de Caça na Campanha da Itália-----	71
QUADRO 4 - Lista de navios brasileiros torpedeados por submarinos alemães (ANEXO E)-----	97
FIGURA 1– Emblema da FEB-----	57
FIGURA 2 – Avião P-47 Thunderbolt usado em combate pela FAB. -----	61
FIGURA 3 – Comandante Nero Moura.-----	64
FIGURA 4 – Sargento Max Wolff.-----	72
FIGURA 5 – Símbolo do 1º Grupo de Aviação de Caça (ANEXO A)-----	89
FIGURA 6 – Busto do Comandante Nero Moura (ANEXO C)-----	91
FIGURA 7 – Jambock Azul (ANEXO C)-----	91
FIGURA 8 – Homenagem da Azul ao 1ºGAvCa. (ANEXO C)-----	91
FIGURA 9 – Inauguração do Busto do Sargento Max Wolff. (ANEXO C)-----	92
FIGURA 10 – Monumento da patrulha do Sargento Max Wolff. (ANEXO C)-----	92
FIGURA 11 – Foto que deu origem ao monumento da patrulha (ANEXO C)-----	93

Lista de siglas

BBC – British Broadcasting Corporation.

EUA – Estados Unidos da América.

FAB – Força Aérea Brasileira.

FEB – Força Expedicionária Brasileira.

1ª ELO – 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação.

1º GAvCa – 1º Grupo de Aviação de Caça.

RAF – Royal Air Force.

JBUSDC - Joint Brazilian United States Defense Commission.

UNE – União Nacional dos Estudantes.

NY – New York.

USAAF – United States Army Air Forces.

EAM – Escola de Aviação Militar.

350ºFG – 350º Fighter Group.

1º RI – 1º Regimento de Infantaria.

6º RI – 6º Regimento de Infantaria.

11º RI – 11º Regimento de Infantaria.

148º DI – 148º Divisão de Infantaria.

Sumário

Introdução.....	15
1 Capítulo teórico conceitual	Erro! Indicador não definido.
1.1 Virtù e fortuna: elementos essenciais para um líder.....	18
1.2 A guerra.....	23
1.2.1 A Guerra e seu objetivo político	26
1.3 O gênio guerreiro e a liderança militar.....	28
1.4 Conflitos armados globais do século XX.....	33
1.4.1 A Primeira Guerra Mundial (1914-1918).....	34
1.4.2 O Tratado de Versalhes.....	37
1.4.3 A Segunda Guerra Mundial.....	39
1.4.3.1 O “Dia D”	43
2 A inserção do Brasil na Segunda Guerra Mundial.....	45
2.1. O processo de envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial	45
2.2 A política externa brasileira em relação ao processo de envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial.....	46
2.2.1 As negociações com o Brasil	48
2.2.2 O ataque a Pearl Harbor e o envolvimento dos EUA na Segunda Guerra Mundial	52
2.2.3 A criação e formação da FEB	56
2.2.4 A formação da FAB e o surgimento do 1º grupo de aviação de caça	58
3 A liderança na guerra.....	62
3.1 Comandante Nero Moura.....	63
3.1.1 Resultados do 1º grupo de caça na campanha da Itália	69
3.1.2 A Presidential Unit Citation	70
3.2 Sargento Max Wolff	71
3.2.1 A morte do Sargento Max Wolff	75
3.3 Desempenho da FEB na Segunda Guerra Mundial.....	76
Conclusão	78
Referências	82
Anexo A: Símbolo do 1º Grupo de Aviação de Caça	86
Anexo B: Versão original da Presidential Unit Citation	87
Anexo C: Homenagens, monumentos e reconhecimentos	88
Anexo D: Entrevistas	91

Anexo E: Relação de navios Brasileiros torpedeados	94
--	----

Introdução

O presente trabalho aborda a importância da liderança militar num conflito armado. Entende-se que um conflito armado, como as duas grandes guerras, envolve certa gama de fatores que podem representar os mais diversos interesses para os Estados ou países envolvidos. Nos estudos das Relações Internacionais, esses interesses mostraram-se, muitas vezes, essenciais para o desenvolvimento, ou mesmo, para a sobrevivência desses Estados ou regiões. Os interesses do Estado, que são construídos e estipulados por estratégias de segurança nacional, por política externa, ou oriundos de outras políticas, nem sempre são garantidos mediante negociações internacionais, diplomacia ou mesmo por meio de ameaças, fazendo com que a guerra se torne uma opção ou um meio para alcançá-los.

Num conflito armado, onde o objetivo é assegurar, impor ou preservar interesses do Estado, percebe-se que os exércitos e as tropas militares, são os responsáveis, na prática, por avançar ou recuar nos campos de batalha, o que acabará influenciando diretamente o resultado da guerra e, por consequência, do sucesso ou fracasso da defesa dos interesses da nação. Nesse contexto, alguns indivíduos são responsáveis por preparar, influenciar, estimular e motivar os seus exércitos a lutarem da melhor forma possível, no intuito de obter êxito na defesa dos interesses de sua nação. Esses indivíduos são os líderes militares. Dessa forma, o objetivo principal desse trabalho é demonstrar a relevância do líder militar para assegurar os interesses do Estado e conseqüentemente mudar o rumo das relações internacionais. Para alcançar tal objetivo, utilizou-se como estudo de caso as lideranças de dois militares brasileiros que atuaram junto às tropas brasileiras na Segunda Guerra Mundial: O comandante do 1º Grupo de Aviação de Caça Major Nero Moura, e o Sargento Max Wolff, da Força Expedicionária Brasileira. Considerou-se que o trabalho de liderança desses dois militares teve um grande peso nos resultados vitoriosos do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Este trabalho foi desenvolvido em três capítulos, nos quais se procurou estabelecer objetivos específicos que contribuíssem com a formação de uma concepção que levasse à conclusão acerca do objetivo principal, isto é, a importância da liderança militar num conflito armado.

No primeiro Capítulo buscou-se identificar como os elementos de liderança se aplicam ao meio militar. Sendo assim, foram expostos dois conceitos da obra de Nicolau Maquiavel, *O Príncipe: A virtù e a fortuna*. Esses dois elementos que são considerados essenciais para

um líder mostram como o indivíduo comum se diferencia de um verdadeiro líder. Posteriormente, foi necessário entender a essência da guerra e identificar os seus conceitos. Para tal, Clausewitz (1979) e Sun Tsu (2001) foram pensadores que apresentaram suas argumentações acerca da essência da guerra, e por mais distintas que fossem as suas abordagens (a primeira apresenta a guerra como um fator mais amplo e incerto, e a última expõe a guerra de uma forma mais simplista e generalizada) foram muito agregadoras no sentido de fazer compreender o objetivo da guerra. Para finalizar o capítulo percebeu-se interessante apresentar o gênio guerreiro conceituado por Clausewitz, (1979) além de se comparar os estilos de liderança autocrática e democrática, apresentada por Passarinho (1987), pois nos permitiu fazer uma comparação com as personalidades dos personagens estudados. Feito isso, explicamos a história das duas grandes guerras, no intuito de mostrar como se caracteriza um conflito armado global e como os Estados estão dispostos a lutar pela defesa de seus interesses.

O segundo capítulo tem por objetivo identificar os fatores que levaram o Brasil a entrar na Segunda Guerra Mundial e compreender como se desenvolveu o processo de formação a Força Expedicionária Brasileira- FEB, bem como do 1º Grupo de Aviação de Caça-1ºGAvCa. Para tal, foram utilizadas principalmente as obras de Seitenfus (2003) e Moura (1991), muito claras no que diz respeito ao entendimento do processo de envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial e dos interesses do governo Vargas de aproximação com os EUA para angariar, principalmente, investimentos econômicos e modernizar o equipamento militar brasileiro, o que levou, depois de muitas negociações, o Brasil a formar e enviar efetivamente a FEB e o 1ºGAvCa.

O terceiro capítulo tem por objetivo analisar a atuação do Comandante Nero Moura e do Sargento Max Wolff na Segunda Guerra Mundial como líderes militares, identificando suas conquistas e resultados na guerra. Para a elaboração desse capítulo foi necessário utilizar e consultar, principalmente, fontes primárias: relatos e histórias de ex-combatentes, depoimentos de veteranos de guerra em documentários, bem como uma entrevista com o diretor do filme *Senta a Pua!*, Erik de Castro, e com a especialista em FEB, Virgínia Guimarães, autora do livro *Ex-combatentes do Brasil: Entre a História e a Memória*.

A análise do papel do líder militar num conflito armado revelou algo a respeito da capacidade humana ao enfrentar o perigo e a violência da guerra para que os interesses de um Estado, país ou Região sejam defendidos e colocados como prioridade vital.

1. Liderança: Guerra, Virtù e Fortuna

Nos Estudos sobre Relações Internacionais, muitas teorias abordam temas relativos ao Estado. Entretanto, apesar de o Estado ser um dos atores mais diretos, expressivos e privilegiados nas Relações Internacionais, em algumas situações ele deixa de ser o protagonista e passa a ser um espectador, ou seja, o Estado deixa de ser aquele que desempenha ou ocupa o primeiro lugar e passa a ser um observador, uma testemunha de certos acontecimentos. Essa situação fica mais bem explicada quando eclode um conflito armado global.

Um conflito armado global pode trazer consigo inúmeros fatores que serão considerados positivos ou negativos para os respectivos Estados, dependendo da ótica em que são analisados. Normalmente, esse tipo de conflito resulta em numerosas perdas humanas e materiais, escassez de alimentos, destruição de algumas cidades e regiões, além de instaurar um constante sentimento de insegurança. Na realidade, esses fatores podem ser cruciais para o enfraquecimento de um determinado Estado ou até mesmo para a sua extinção. Um conflito armado também pode ser a oportunidade de conquistar influência, novos territórios, de se ter acesso a novas fontes de matérias-primas e tecnologias e de eliminar uma ameaça, o que pode ser a causa responsável pela expansão e fortalecimento de um Estado. Sendo assim, inúmeros fatores e variáveis que um grande conflito armado traz consigo leva o Estado a uma condição de espectador, ou seja, uma figura suscetível a essa gama de acontecimentos.

Quando se diz que o Estado é um espectador da gama de variáveis e fenômenos que podem acontecer numa situação de conflito armado, pretende-se mostrar que, na realidade, o Estado é o principal elemento que será afetado por esses fenômenos e, por esse motivo, ele irá se articular de maneira a elaborar as melhores políticas e estratégias para assegurar sua preservação, e fazer prevalecer seus interesses. Porém, por melhores que sejam as decisões do Estado, nada garante que suas políticas resultarão em sucesso. Depois que o Estado estrutura suas estratégias, só lhe resta aguardar e confiar que suas decisões produzam o resultado esperado.

Deve-se levar em consideração que, por um lado, a grande relevância dos Estados como principais atores nas Relações Internacionais se dá pelo fato destes criarem organismos e instituições que irão agir e interagir através de suas ramificações no âmbito interno e externo. Ou seja, de fato os Estados se articulam de maneira a afetar as políticas nacionais e

internacionais, compondo o sistema internacional¹. No entanto, quando o Estado se encontra numa perspectiva onde o cenário internacional apresenta certa instabilidade, ou até mesmo uma ameaça de conflito bélico, percebemos que a sua articulação não passa de uma tentativa ou intenção de ter suas ações efetivas no desfecho de certos resultados. Assim, o Estado pode tomar algumas providências como: organizar suas forças armadas visando se precaver diante de um confronto direto, desenvolver alianças estratégicas pensando na conjuntura do conflito e na defesa de interesses em comum, ou adotar estratégias diplomáticas mais efetivas e assertivas na tentativa de evitar até as últimas circunstâncias o conflito. Caso o conflito seja inevitável e as grandes batalhas comecem, cabe ao Estado organizar seus exércitos, convocar homens, pensar e arquitetar as estratégias de batalha. Entretanto, isso não garante nenhum desfecho do conflito. É o travar de cada batalha que vai decidir, passo a passo, as próximas ações e acontecimentos do conflito, que, posteriormente, poderá acarretar seu fim. Isso mostra como o Estado, num determinado momento, é também um espectador de acontecimentos, os quais podem ter consequências vitais sobre si.

Dessa forma, torna-se importante o surgimento de um líder nos conflitos. Não o líder chefe de Estado, pois este, na maioria das vezes, apesar de ser primordial na tomada de decisão, é um mero espectador, assim como o próprio Estado. Todavia, um líder militar é aquele que vivencia cada batalha ao lado de seus homens. Esse personagem é responsável pelo avanço ou recuo de suas tropas sobre um objetivo, sucesso ou fracasso de uma operação militar que pode levar o conflito para um lado mais favorável ou não. O líder tem uma grande responsabilidade nesse sentido, pois é ele quem tem o poder de conseguir, na prática, a defesa do Estado e de seus interesses, vencendo no campo de batalha.

1.1 Virtù e fortuna: elementos essenciais para um líder

No livro *O Príncipe*, Nicolau Maquiavel (1998) desenvolve o que poderíamos chamar de uma doutrina para o principado, onde a figura do príncipe, ou seja, o líder do principado, precisa ter certas características e agir de forma condizente para se manter no poder. Devemos entender essa obra clássica de Maquiavel de forma a contextualizá-la à realidade em que ele vivia e adaptá-la aos dias atuais.

¹ Conjunto constituído por unidades políticas que mantêm relações regulares entre si e que são suscetíveis de entrar numa guerra geral, que tem como característica primordial [...] a configuração das relações de forças (ARON, 1986, p. 153, 154)

Maquiavel nasceu na cidade italiana de Florença e serviu à coorte de César Bórgia num contexto em que a Itália passava por um período de intensas conturbações que se deram principalmente pelas inúmeras invasões estrangeiras. Segundo Sadek (2003), a Itália, na qual Maquiavel vivia, era constituída por diversos e pequenos Estados, cada um com seu regime político, desenvolvimento econômico e cultural, constituindo um verdadeiro mosaico, sujeito a conflitos contínuos e alvos constantes de invasões estrangeiras. Maquiavel escreve a sua obra na intenção de que um líder as pudesse utilizar como uma ferramenta eficaz para a unificação da Itália. Ao terminar de escrever seu livro, por volta de 1513, Maquiavel o dedica a Lourenço de Médici, pretendendo conquistar a sua amizade, conforme descreve o trecho abaixo:

De Nicolau Maquiavel para o magnífico Lourenço de Médici
 De Práxis, aqueles que desejam obter os favores de um príncipe apresentam-se a ele com pertences que lhe são mais caros e à vista dos quais veem que ele mais se encanta. Por isso, frequentemente vemo-los presenteá-lo com cavalos, armas, tecidos tramados em ouro, pedras preciosas e alfaias desse tipo, dignos de sua grandeza. Assim, desejoso de apresentar-me a Vossa Magnificência com alguma prova de minha submissão, nada encontrei em meu cabedal que prezasse e estimasse tanto quanto o entendimento das ações dos grandes personagens, o qual adquiri na detida observação dos episódios modernos e na leitura incessante dos antigos episódios sobre os quais longamente e com grande atenção meditei, para ora condensá-los num pequeno volume que a Vossa Magnificência remeto. (MAQUIAVEL, 1998)

Existem muitos pontos na obra de Maquiavel que são completamente contraditórios a este trabalho, como por exemplo, quando ele afirma que os homens são por natureza levianos, mentirosos, enganadores, evitam o risco e são ávidos pelo lucro (MAQUIAVEL, 1998). Se o pretendido nesse trabalho é mostrar como a referência de um líder militar é essencial para o sucesso e resultados no front de batalha, principalmente num conflito armado global, como as duas grandes guerras, não poderíamos afirmar que os seres humanos evitam sempre o risco ou que estão, necessariamente, combatendo por dinheiro.

Maquiavel (2003) também afirma que a única arte que o homem deve aprender é a Arte da Guerra, excluindo o que alguns de seus contemporâneos e antecessores na história do pensamento político, acreditavam ser necessários a um líder como: bondade, cultura, postura, humanidade dentre outras características. Assim, segundo Adams e Dyson (2006) a visão maquiavélica da moral e da política é muito diferente da visão tradicional de que o bom governante deve ser, necessariamente, um homem bom. Em nosso estudo de caso, veremos que há certa contradição dessas ideias, pois mesmo num momento onde a arte da guerra é essencial para o sucesso, no que diz respeito à habilidade do líder de focar na agressividade, na força e na capacidade de aniquilar o inimigo externo, através da motivação dos

subordinados ou, como chamaria Maquiavel, da motivação dos súditos, existe um elemento fundamental para que o líder inspire confiança, admiração, garra e mais do que isso, lealdade, objetivo comum, foco e resultado dos seus comandados. Esse elemento é o exemplo. Em várias ocasiões na história, vemos que os líderes que utilizaram o exemplo para liderarem suas tropas, obtiveram a capacidade de alterar o rumo de algumas situações adversas, como:

- Napoleão Bonaparte, que segundo Bahiense (2003), em 1796, ao ver a tropa que comandava recuar durante o ataque a uma ponte defendida pelos austríacos, pegou a bandeira francesa e correu contra o objetivo, sendo seguido por seus soldados, os quais foram contagiados pelo exemplo de seu líder. Da mesma forma, em 1868, Duque de Caxias, após sete ataques mal sucedidos para tomar uma ponte ocupada por soldados paraguaios, desembainhou a sua espada e proferiu a famosa frase: “sigam-me os que forem brasileiros”, tendo avançado sobre a ponte a galope, no que foi seguido pela infantaria que comandava, entusiasmada pela ação de seu líder.

Bahiense (2003) cita um caso noticiado à época da Guerra das Malvinas e que ilustra a importância do líder no campo militar. O episódio ocorreu durante um combate para a retomada da principal ilha do arquipélago, quando um Batalhão de Infantaria inglês sofria grave revés na tentativa de conquistar uma posição ocupada pelos argentinos. Percebendo a gravidade da situação, o comandante inglês ultrapassou o escalão de ataque e passou a liderar, pessoalmente, o ataque do Batalhão, fazendo com que prontamente fosse seguido pelos seus homens. Embora o oficial tenha morrido durante essa ação, sua atitude resultou em excepcional êxito da força atacante sobre a posição defendida pelos argentinos. Pode-se inferir que se não fosse sua coragem de exercer a liderança pessoal, por meio do exemplo, de forma a estimular os seus comandados a buscarem a vitória, provavelmente o mesmo sucesso não teria sido obtido. Em contrapartida, como exemplo negativo, o autor comenta que, na ocasião, houve maus tratos e uma acentuada falta de liderança por parte de alguns oficiais argentinos, os quais não se importavam com as severas condições, especialmente as climáticas, a que estavam submetidos os seus subordinados. Por esse motivo, não era raro, os soldados argentinos colocarem estes oficiais na mira de seus fuzis durante os combates.

Maquiavel (1998) afirma que os homens avançam sempre por caminhos traçados por outros homens e eles dirigem os seus atos com base na imitação. Em outras palavras, ele quer dizer que os homens que desejam obter sucesso em determinadas ações devem se inspirar em outros homens que foram excepcionais e realizaram grandes feitos.

O método de Maquiavel é histórico e comparativo, e ele trabalha sobre exemplos fornecidos pela Antiguidade clássica. Seu propósito é mostrar como eventos são condicionados pelas circunstâncias nas quais acontecem, identificar suas causas e

pôr a descoberto os princípios gerais que a subjazem às relações e ao comportamento humanos. Sua esperança subjacente aparentava ser a de que algum dia aparecesse um príncipe forte, capaz de unificar a Itália. (ADAMS; DYSON, 2006).

O que faz a obra de Maquiavel ser extremamente importante e ser a chave teórica para este trabalho é o enfoque que ele dá à sua teoria. Ele não aborda qualquer liderança, mas sim as ferramentas necessárias para que uma pessoa conquiste e consiga manter o poder. Essa pessoa seria o príncipe que dominaria uma determinada região, condado, cidade ou país, necessitando de ferramentas para se impor aos súditos, evitando que ameaças externas ou internas o tirem do poder. Esse modelo norteia a presente obra, pois apesar de não estarmos falando de um líder chefe de estado e sim de um líder militar, as características do principado e do ambiente militar são muito semelhantes, a começar pelo estilo de poder. O poder do príncipe e o do comandante militar são quase idênticos, pois ambos chegaram ao poder independentemente da escolha de seus súditos e de seus comandados, além de ter o conflito e a guerra como fatores cruciais ao seu poder, pelo menos ao príncipe à época em que a obra fora escrita. Além disso, ambos precisam de seus subordinados para se defenderem das ameaças externas.

Maquiavel (1998) apresenta dois conceitos durante toda a sua obra que são os grandes alicerces de liderança. São eles: *virtù* e fortuna. A *virtù* seria a força, a habilidade, as características essenciais do líder para conquistar o poder e mantê-lo. Já a Fortuna nada mais é do que a sorte, ou seja, o acaso que pode ser um momento oportuno para que o indivíduo que se utilizar da *virtù* possa exercer sua liderança através da sua habilidade e obter o poder.

Maquiavel (1998) acredita que as dificuldades para se conservar o comando de um principado ou uma unidade estão diretamente ligadas ao nível de virtude do príncipe ou líder, ou seja, quanto mais virtuoso for o líder, mais fácil será o seu comando. Outra afirmação relevante que ele faz é que o príncipe que depende menos da fortuna, mantém-se por mais tempo enquanto tal. Ilustrando essas características, Maquiavel (1998) mostra que alguns dos líderes que se tornaram príncipes mais excepcionais foram: Moisés, Ciro, Rômulo e Teseu. Segundo Adams e Dyson (2006), usando a metodologia histórico-comparativa, Maquiavel busca mostrar que através de grandes feitos, esses homens conseguiram chegar ao poder.

Ao desenvolver seu discurso acerca dos feitos desses homens, Maquiavel (1998) destaca o caso de Moisés, afirmando que por menos ilustrativa que fosse a história de Moisés comparada aos outros homens, por este ser apenas um servo e executor das ordens de Deus, ele deve ser admirado pelo fato de ser agraciado com a dignidade de falar com o Criador.

Segundo seus escritos, Maquiavel acreditava que a *virtù* era a grande responsável pelas conquistas históricas desses homens, a Fortuna era apenas uma pequena oportunidade do acaso para que esses homens pudessem se utilizar de sua *virtù*. Percebemos essa evidência no trecho abaixo:

[...] Fora Necessário que Moisés encontrasse o povo de Israel oprimido e escravizado pelos egípcios para que este, buscando dar fim à sua servidão, dispusesse-se a segui-lo. Calhara que Alba fosse pequena demais para Rômulo e que ele fosse abandonado ao nascer para que dele viesse o Rei de Roma e o fundador desta Pátria. Fora preciso que Ciro encontrasse os persas descontentes com o Império dos medos, e os medos enfraquecidos e amolecidos por uma paz demasiado longa. Teseu não teria podido demonstrar as suas virtudes não houvesse achado dispersos os atenienses. Portanto, essas ocasiões propiciaram o êxito desses homens cuja excelência das virtudes pessoais permitiu que daquelas pudessem-se valer, a origem da glória e do esplendor de suas Pátrias. (MAQUIAVEL, 1998, p. 25-26)

A concepção de Maquiavel (1998) a respeito dos homens que simplesmente por meio da fortuna saíram da condição de simples cidadãos e se fizeram príncipes é de que eles, com pouca dificuldade, alcançam o poder, mas com muita dificuldade conseguem mantê-lo, pois, apesar de não encontrarem nenhum obstáculo durante sua trajetória ao poder, eles, provavelmente, não teriam a devida experiência ou malícia para lidar com possíveis adversidades, e certamente as provas e investidas contra eles viriam quando eles estivessem sob o *status* de príncipe e conseqüentemente com o poder.

[...] Quero um a outro desses ditos modos de fazer-se príncipe – por virtude ou por fortuna – adir dois exemplos retidos pela nossa memória, e estes são o de Francesco Sforza e o de César Bórgia. Francesco, com sua grande qualidade pessoal (*Virtù*) e com recurso das próprias forças de simples cidadão tornou-se Duque de Milão, e aquilo que a duras penas conquistara pôde facilmente conservar. De outra parte, César Bórgia, vulgarmente chamado Duque Valentino, obteve o Estado graças à condição (*fortuna*) de seu pai, com o qual o perdeu, embora tudo houvesse tentado no sentido de conduzir-se como um homem virtuoso e prudente que deita as suas raízes nas terras que as armas e a *fortuna* alheias lhe outorgam. Isto porque, como acima foi dito, quem, de uma forma preliminar, não assentou as bases do seu poder, pode, com grande gênio (*Virtù*), fazê-lo depois de sua ascensão, ainda que este fazer implique dificuldades para o arquiteto e riscos para a obra. Assim, se observamos todos os progressos desse Duque, constataremos que ele fixou sólidas bases para a perenidade do seu poder; bases sobre as quais não considero supérfluo discorrer, até porque não saberia que outros e melhores preceitos dar a um novo príncipe que não o exemplo de suas ações. (MAQUIAVEL, 1998, p. 30 -31).

Podemos perceber através da obra de Maquiavel (1998) que a *virtù* e a fortuna são dois elementos extremamente relevantes e significativos para o líder. A *virtù* é um elemento quase que essencial do líder, pois esta é composta das características mais importantes que separam o indivíduo comum de um verdadeiro líder. Um homem decidido, confiante, forte, que sabe estipular um objetivo, inteligente, sagaz, que possui um espírito arrojado e que

desperta o olhar das pessoas é certamente possuidor da *virtù*. Esse homem precisa esperar pela fortuna para que possa utilizar a sua *virtù* e então exercer o seu comando.

Devido à natureza incerta e perigosa da guerra, as exigências direcionadas ao líder militar são muito maiores, pois o que está em jogo, principalmente num conflito armado global, é algo de vital importância para o Estado. Por isso, o líder militar que se encontra nessa situação precisa ser provido da *virtù*, pois depois que a fortuna o auxilia com a oportunidade de comandar um grupo de homens, cabe ao próprio líder, não apenas pelo status de seu cargo ou seu posto, mas sim pelas suas habilidades, instigar, motivar e modelar seus comandados para que estes apresentem êxito e resultados positivos nas empreitadas militares, pois caso esse líder conte apenas com a fortuna para se manter, dará uma grande abertura para ser traído por ela (MAQUIAVEL, 1998). Nesse caso, se o líder tem demasiada *virtù*, ainda que traído pela fortuna, encontrará um meio para manter o seu poder ou o seu comando. Porém, se esse líder demonstrar que o seu domínio sobre os comandados, até então, foi pura e exclusivamente obra da fortuna, será muito difícil permanecer na liderança, uma vez que oposições internas ou externas, cedo ou tarde, a ameaçarão pelo fato de que este não possuirá a *virtù* necessária para suportá-las.

A seguir, será abordado o conceito de guerra para que se entenda a sua essência, suas particularidades e principalmente a sua importância política, que fazem com que a liderança militar tenha suas peculiaridades e seja de suma importância para garantir os interesses do Estado e a certas vezes, a sua sobrevivência.

1.2 A guerra

Segundo TZU (2001), a guerra é o campo onde se decidem a vida e a morte, o caminho para a sobrevivência ou para a ruína e, por isso, é uma questão vital para o Estado.

Clausewitz (1979) entende a guerra como um duelo numa escala mais vasta. Para ele, a essência da guerra se definiria por um duelo onde cada uma das partes conflitantes, ou seja, cada um dos duelistas tem por objetivo submeter o outro à sua vontade, deixando o adversário incapaz de toda e qualquer resistência. Sendo assim, a guerra seria um ato de violência destinado a forçar o derrotado a submeter-se à vontade do vencedor.

Segundo TZU (2001), os habilidosos na arte da guerra dominam o inimigo sem ter que batalhar. Conquistam as cidades sem ter que assaltá-las e derrubam o Estado inimigo sem ações prolongadas.

Em sua obra *Da Guerra*, Clausewitz (1979) aponta que, para defrontar a violência, a própria violência mune-se com invenções das artes e das ciências. Essa violência física representa o meio, pois o fim será impor a sua vontade ao inimigo. Ele diz que para se obter com total segurança este fim, há a necessidade de desarmar o inimigo, e este desarmamento seria o verdadeiro objetivo das operações de guerra. O autor deixa claro que o esforço para desarmar o inimigo deve ser o maior possível, pois é necessário colocá-lo em uma situação extremamente desfavorável, sendo a pior situação para um beligerante aquela em que ele se encontra desarmado. Assim, nota-se através do trecho abaixo que a inteligência e a forma de conduzir a guerra, podem mudar com o processo de civilização, mas de nenhum modo a guerra é reprimida por esse processo, mas sim, desenvolvida para conduzi-la de um modo mais eficaz.

Quando se vê povos civilizados recusarem-se, quer a conduzir os prisioneiros à morte, quer a saquear cidades e campos, é porque a inteligência tem um lugar muito mais importante na sua forma de conduzir a guerra, e que ela lhes ensinou a utilizar a força dum modo mais eficaz do que através da manifestação brutal do instinto. A invenção da pólvora e os incessantes progressos no desenvolvimento das armas de fogo demonstram, por si, que, de fato, a tendência para destruir o inimigo inerente ao conceito de guerra não foi de modo nenhum entravada ou reprimida pelo progresso da civilização. (CLAUSEWITZ, 1979, p. 74)

Explicando a dinâmica e os elementos da guerra, Clausewitz (1979), mostra através de três ações recíprocas como a inteligência e a estratégia se procedem nos campos de batalha.

A primeira ação recíproca de Clausewitz seria o fato de que a guerra é um ato de violência e não existe nenhum limite para a manifestação deste ato, sendo assim, cada uma das partes, ou seja, cada um dos adversários executa a lei do outro. Em outras palavras isso significa que cada uma das partes deve pensar de que forma o seu adversário irá agir e qual deverá ser a sua estratégia, pois a partir daí ele pode definir as suas próprias estratégias tentando prever como será o comportamento do seu inimigo e quais serão suas movimentações. Por isso, fala-se que cada um dos adversários executa a lei do outro, ou seja, cada um age a partir de uma previsão dos movimentos do inimigo.

A segunda ação recíproca mostra que a guerra não é a ação de uma força viva sobre uma massa inerte, mas sim a colisão de duas forças vivas. Portanto, enquanto uma parte não tiver derrotado o adversário, esta pode temer que o mesmo consiga destruí-lo e dessa forma

Clausewitz (1979) afirma: “Eu não sou dono de mim próprio, visto ele me ditar as suas leis, assim como eu lhe dito as minhas”. Esta ação recíproca pode ser entendida como o desencadear das ações e movimentações dos adversários que acontecerá a partir da maneira como o inimigo agiu, ou seja, eu vou tomar minha próxima decisão baseado na ação do meu inimigo.

A terceira ação recíproca refere-se ao máximo desenvolvimento de forças. Segundo o autor (CLAUSEWITZ, 1979), se alguém quer vencer o inimigo, deve proporcionar o esforço à capacidade e força de resistência do inimigo. Mas apesar de ser possível calcular a amplitude de meios que o adversário dispõe, visto a possibilidade de se mensurar em números (ainda que não se tenha no detalhe todas as informações), isso não ocorre no que se refere à firmeza de sua vontade, que no caso só pode ser projetada aproximando-a da força do motivo que a inspira. Ou seja, a vontade e a importância do motivo pelo qual se luta também são extremamente significativas no que diz respeito ao desempenho e resultado do combate. Clausewitz (1979) acredita que tendo uma noção das estimativas sobre o poder de resistência do inimigo, podemos adequar proporcionalmente os nossos esforços a esse poder, intensificando-os para tentar fazer predominar o nosso domínio. Caso não se tenha os recursos necessários para que isso aconteça, deve-se fazer o melhor possível. O comportamento do adversário será idêntico, ele tentará fazer o melhor dentro de sua realidade, e, por isso, define-se esse efeito como a terceira ação recíproca.

A guerra para Clausewitz (1979) nem sempre deve ser considerada como um resultado absoluto, pois o Estado vencido vê na sua derrota um mal transitório, onde as forças políticas posteriores poderão fornecer um remédio, e esse fator acentua ainda mais as tensões e a intensidade do esforço.

Outro aspecto importante na guerra é o princípio de polaridade, que segundo Clausewitz (1979) pode ser entendido pelo fato dos interesses dos comandantes chefes serem sempre de oposição aos do comandante adversário, o que representa uma verdadeira polaridade, que se explica pelo fato de a vantagem de um lado significar a desvantagem do outro, e a vitória de um, representar a derrota do outro e assim sucessivamente. Esse princípio só é válido se existir uma polaridade que se refira a um único e mesmo objeto, mas nos permite enxergar que numa batalha ambos desejam triunfar, mas a vitória ou o sucesso de um dos lados exclui a do outro.

Segundo TZU (2001), existem cinco circunstâncias que permitem prever uma vitória: Aquele que sabe quando pode combater e quando pode alcançar a vitória; aquele que, servindo-se de grandes ou pequenas forças, entende como tornar-se vitorioso; aquele que

consegue concentrar suas fileiras em um só objetivo será vitorioso; aquele que é prudente e espera por um inimigo imprudente será vitorioso; aqueles cujos generais são hábeis e possibilitados de atuarem sem interferências serão vitoriosos.

TZU (2001) ainda afirma que a vitória se encontra nesses cinco pontos, e parte do princípio de que se você conhece a si mesmo e ao seu inimigo, vencerá todas as batalhas, se você se conhece, mas desconhece seu inimigo, as chances de ganhar ou perder uma batalha são iguais, mas se você não se conhece e não conhece o seu inimigo, correrá perigo de perder todas as batalhas.

Diferente do pensamento de Sun Tzu, Clausewitz (1979) mostra que todos os elementos objetivos que a guerra abrange a convertem num cálculo de probabilidades, e visto isso só falta um único elemento para fazer da guerra um jogo, e este elemento está intrínseco à guerra, esse elemento é o acaso. Segundo Clausewitz (1979), nenhuma atividade humana depende tão completamente e universalmente do acaso. Junto a ele, o acidental e a sorte desempenham um grande papel na guerra. A coragem aparece também como uma característica fundamental, pois ela é a suprema força da alma humana na situação do perigo causado pelas movimentações das atividades bélicas. Sendo assim, ela também pode ser associada ao cálculo sensato. A coragem pode ser manifestada através da audácia, da valentia, da confiança no êxito, entre outros fatores que são tendências da alma que procuram o acidental. Por mais que o entendimento humano nos leve sempre a tender para a clareza e certeza, o espírito é frequentemente atraído para a incerteza. A teoria da guerra não deve se contentar apenas com o cálculo das probabilidades, e deve sim, levar em consideração o elemento humano dando lugar à coragem, à bravura e até mesmo à audácia (CLAUSEWITZ, 1979). Conforme vimos anteriormente, a arte da guerra aplica-se a forças vivas e morais, conseqüentemente, nunca irá atingir o certo e absoluto.

1.2.1 A Guerra e seu objetivo político

Ainda que a guerra seja entendida como um jogo pelo fato de estar envolvida num emaranhado de probabilidades e ter como parte intrínseca de seu processo o acaso, ela deve ser entendida como um jogo sério, que faz parte de um meio sério para um fim sério. (CLAUSEWITZ, 1979). De acordo com Clausewitz (1979), a guerra não é um passatempo, nem pura e simples paixão do triunfo e do risco, ela é um meio para se atingir um fim sério

que é a conservação e defesa dos interesses nacionais. A guerra é entendida por Clausewitz (1979) como a simples continuação da política por outros meios. Segundo Duroselle (2000), existem, basicamente, quatro meios na política internacional para que se faça estabelecer e preservar os interesses nacionais: a persuasão, a negociação, a ameaça e, finalmente, o uso da violência.

A persuasão exerce um grande papel nas relações internacionais, mesmo nas negociações e assuntos mais importantes. Essa não é uma persuasão coletiva, e sim uma persuasão quase pessoal, de Chefe de Estado para Chefe de Estado, ou de outros grupos situados no ápice político de duas unidades. O caráter pessoal dessa persuasão faz com que se deixe de lado a análise da psicologia científica, ao menos por um momento, para dar lugar ao domínio da sutileza.

A negociação é o meio mais natural pelo qual ocorrem os trâmites na política internacional. Uma parte propõe algo que deseja adquirir, em troca de outro objeto ou benefício à outra parte.

A ameaça possui dois elementos distintos fundamentais: a posse de certa força, ou, ao menos, a convicção da outra parte que a temos, e a plausibilidade de que essa força seja efetivamente posta em ação.

O uso da violência se refere justamente ao conflito armado e à utilização da força conforme Clausewitz (1979) expõe em sua obra.

A guerra dum comunidade - de nações inteiras e, particularmente, de nações civilizadas - surge sempre de uma situação política, e só resulta de um motivo político. Aí está porque razão a guerra é um ato político. Todavia, se ela fosse um ato completamente autônomo, uma manifestação de violência absoluta, tal como se poderia concluir do seu puro conceito, a guerra tomaria o lugar da política, a partir do instante em que fosse provocada por esta e elimina-la-ia e seguiria as suas próprias leis como uma coisa inteiramente independente, tal como um projétil que, uma vez lançado, já não pode ser orientado numa direção diferente daquela que lhe foi imprimida por uma pontaria prévia. (CLAUSEWITZ, 1979, p. 86 - 87).

Através dessa outra abordagem, vemos claramente que a guerra, por intermédio da utilização da força, é sim um meio eficaz para se atingir um objetivo político determinado. Sendo assim, segundo Clausewitz (1979), a arte da guerra, bem como o comandante em cada caso específico, pode exigir que as tendências e as intenções da política não sejam incompatíveis com esses meios.

1.3 O gênio guerreiro e a liderança militar

Segundo Clausewitz (1979), toda atividade particular para ser feita com certo virtuosismo exige disposições próprias à inteligência e ao sentimento. Quando essas disposições atingem um grau eminente e se manifestam através de façanhas e feitos extraordinários, podemos classificá-las de gênio. Ainda que esse termo seja relacionado às mais diversas áreas e seu sentido seja amplo, tendo um alcance bastante variável, fazendo com que algumas vezes seja até difícil distinguir a verdadeira essência do gênio, em sua obra *Da Guerra*, Clausewitz (1979) se limita a definir o gênio como uma capacidade espiritual eminente a certas atividades. Fazendo essa distinção do espírito, ele acredita que a essência do gênio militar é a combinação muito geral de todas as forças da alma orientadas para a atividade militar. Ele justifica que o gênio militar não consiste em um único fator predominante orientado para a guerra, por exemplo, o gênio militar não possui apenas a coragem como elemento do seu virtuosismo, deixando todas as outras capacidades do sentimento e da inteligência ausentes ou não orientadas para a guerra, ou seja, trata-se de uma combinação harmoniosa das forças, em que um elemento ou outro pode predominar, porém nenhum se opõe ao outro.

Ainda, segundo Clausewitz (1979), considera-se que quanto menos atividades se dedicar um povo, mais nele predominará a atividade militar e maiores serão as probabilidades de nele prevalecer o gênio guerreiro. Entretanto, isso só mostra a amplitude dessa atividade e de nenhuma maneira o seu nível, ou seja, o quesito qualitativo dessa atividade, pois, em geral, ela depende do desenvolvimento intelectual e moral desse povo. Encontram-se muito mais indivíduos belicosos num povo selvagem, aguerrido, que num povo civilizado, pois nos povos menos civilizados, quase todos os guerreiros estão animados ou envolvidos nesse espírito, enquanto nos povos civilizados normalmente apenas se recruta e se convoca uma grande massa de homens em casos de necessidades especiais, e não por uma tendência natural de fazê-lo.

Na concepção de Clausewitz (1979), a guerra é o reino do perigo, assim como a coragem é a virtude guerreira por excelência. Segundo seus pensamentos, existem duas espécies de coragem: a coragem pessoal e a coragem perante a responsabilidade arbitrada, seja por uma instância externa, seja pela consciência ou mesmo por uma instância interna.

A coragem pessoal pode ser considerada de dois tipos: ela pode derivar da indiferença, ou seja, no desprezo pela morte, e também pode derivar do hábito, visto que ela é

constituída de um caráter individual. Em qualquer um dos casos ela é entendida como um estado permanente. Já a coragem perante a responsabilidade arbitrada pode ser derivada de motivos tais como ambição, patriotismo, do bem comum, de valores culturais e todas as espécies de entusiasmo. O autor mostra que, nesse caso, a coragem não é tanto um estado permanente, como uma emoção, um sentimento.

Clausewitz (1979) aponta as duas espécies de valor que possuem efeitos diferentes. A primeira é mais segura porque, tendo-se tornado uma segunda natureza do homem, nunca mais o abandonará. A segunda, por sua vez, conduz o homem frequentemente mais longe. Enquanto a primeira afeta menos a inteligência, a segunda incrementa e arroja mais a potência do espírito, mas também o extravia diversas vezes. O autor chega a fazer a seguinte comparação: a firmeza pertence à primeira categoria; a intrepidez, à segunda. Ele afirma que a combinação das duas categorias produz a mais perfeita forma de coragem.

A guerra, de acordo com Clausewitz (1979), é o reino do perigo e exige do homem o domínio do esforço e do sofrimento físico. Para nela resistir é necessário possuir uma certa força física e moral, que sendo nata ou adquirida, nos torna indiferentes a esses sofrimentos. Provido dessas características e guiado pelo simples bom senso, um homem já pode ser considerado um bom instrumento de guerra. A capacidade intelectual é outro aspecto que a guerra exige e podemos colocá-la, inclusive, como prioridade. A guerra é o domínio da incerteza, onde três quartos de seus elementos se fundamentam e permanecem nas sombras de uma incerteza intensa. Portanto, é necessário que uma inteligência penetrante saiba instintivamente discernir, avaliar e apreciar todos os aspectos a ela inerentes, isto é, a verdade.

Devido a esse predomínio da incerteza, percebe-se que, através das constantes intervenções do acaso, o combatente será colocado frequentemente diante de situações inesperadas, o que o influencia e afeta diretamente seus planos. Se essa influência torna o que foi planejado inexecutável ou mesmo inútil, será necessário que ele substitua o que foi planejado. Por vezes faltam dados e informações necessárias para esta substituição, devido ao decurso da ação, que exige uma decisão imediata, não permitindo uma nova análise do conjunto, ou reflexão profunda da composição daquela determinada situação. O espírito do gênio militar tem de estar sempre pronto para qualquer eventualidade. Para atravessar esses constantes imprevistos, Clausewitz (1979) mostra em sua obra que são indispensáveis duas qualidades: um espírito que, mesmo em meio a toda obscuridade, não perca o vestígio da clareza interna para conduzir a verdade, bem como a coragem de seguir esse fraco vislumbre. Essas duas características são denominadas pela expressão francesa *coup d'oeil* e resolução (CLAUSEWITZ, 1979).

A expressão *coup d'oeil* não se refere apenas ao olhar corporal, mas com mais precisão, ao olhar do espírito. De acordo com Clausewitz (1979), essa expressão, assim como o acontecimento bélico, tem mais presença no domínio da tática, entretanto, ela não poderia ser excluída do domínio da estratégia, pois esta, por diversas vezes obriga a decisões igualmente rápidas. A resolução é a coragem aplicada a um caso particular, e se ela se torna uma marca do caráter, passa a ser um hábito do espírito. Essa coragem não se refere ao perigo físico, mas ao perigo diante das grandes responsabilidades, ou seja, diante do perigo moral, chamado, na obra de Clausewitz (1979), de perigo do espírito.

A inteligência pura e simples não forja a coragem, pois as pessoas mais inteligentes são em sua maioria desprovidas do espírito de resolução. A inteligência tem de, primeiramente, despertar o sentimento de coragem em quem a mantém e sustenta, porque nos momentos cruciais, o homem obedece mais aos seus sentimentos que às suas ideias. (CLAUSEWITZ, 1979, p. 108)

A partir dessas definições, *Da Guerra* nos mostra que o *coup d'oeil* e a resolução nos levam a uma outra qualidade. Esta qualidade é a presença de espírito. A presença de espírito é a maneira de vencer o imprevisto. Dessa maneira, podemos perceber que assim como a resposta imediata a um acontecimento inesperado e desfavorável, a solução encontrada para este mal também deve ser tida com a mesma importância, pois a presença de espírito define, justamente, segundo o autor, a facilidade e a prontidão do auxílio que a inteligência presta.

Clausewitz (1979) explora alguns pontos interessantes sobre quatro elementos que constituem a atmosfera da guerra: o perigo, o esforço físico, a incerteza e o acaso. Segundo ele afirma, é necessária uma grande força moral e física para avançar no elemento desconcertante da guerra com alguma garantia de segurança e de êxito. Em sua análise ele mostra que a força da alma do indivíduo atuante está relacionada a uma fraca medida à resistência e pressão direta do inimigo. Inicialmente, a atividade inimiga não afeta imediatamente a pessoa atuante, a não ser como indivíduo, sem afetar a sua ação como comandante. Se o inimigo resiste durante quatro horas ao invés de duas, o comandante estará em perigo por quatro horas ao invés de duas. À medida que se eleva o posto ou patente do comandante, este dado diminui de importância, visto que isto o afetará cada vez menos, pois quanto maior for o seu posto ou a sua patente, mais distante da frente de batalha ele estará. Porém, a resistência inimiga terá uma direta influência sobre o comandante à medida que surgirem perdas consideráveis devido ao prolongamento dela, pois nesse caso, isso afeta diretamente as suas responsabilidades. Nessa condição, a força de vontade do comandante é posta à prova pela primeira vez.

Apesar do fator das perdas ser o mais pesado que o comandante tem de suportar, pois é um problema que apenas ele terá que dar contas a si próprio, todos os outros efeitos da resistência inimiga terão efeito e se repercutirão sobre os demais combatentes que estão sob as suas ordens. Isso, conseqüentemente, irá ter um efeito indireto sobre o comandante chefe através dos seus comandados.

Segundo Clausewitz (1979), enquanto os homens continuarem animados e a sua moral for boa, dificilmente o comandante terá que fazer despertar uma grande força de vontade em seus homens para prosseguirem em seu objetivo. Porém, ao passo que surgirem as dificuldades diretas e os momentos difíceis que são inerentes à natureza da guerra (principalmente por ela trazer à tona o elemento acaso), pode ser que eles não consigam prosseguir sozinhos em direção ao objetivo estabelecido. Pelo contrário, serão eles mesmos que apresentarão resistência, fazendo com que a necessidade de superar exija do chefe ou comandante uma força de vontade considerável. A resistência oferecida pelos comandados não são oriundas da desobediência ou da contradição, ainda que estejam presentes em muitos indivíduos, mas sim por uma impressão de desmoronamento de todas as forças físicas e morais pelo espetáculo pungente dos sacrifícios sangrentos que o comandante tem de superar, primeiro em si próprio e, seguidamente, em todos os outros que direta ou indiretamente lhe transmitam suas impressões, as suas sensações, as suas preocupações e as suas aspirações.

À medida que as forças dos indivíduos deixam de existir uma após outra, que a sua vontade não é o suficiente para suscitar e manter esta força, todo o peso da inércia das massas acaba por incidir, pouco a pouco, sobre a vontade única do comandante. O ardor do seu coração e a luz do seu espírito têm de atear incessantemente o ardor da resolução e o brilho da esperança em todos os outros. Só na medida em que ele estiver à altura desta tarefa é que conservará o controle das massas, mantendo-se seu dono e senhor. Mas se a sua coragem já não é suficiente para reavivar a dos outros, ele próprio cairá por terra, ao nível das massas, nessas esferas inferiores da natureza animal que recuam perante o perigo e ignoram a vergonha. Eis o peso que a coragem e a força moral do comandante têm de saber suportar, se este quiser realizar grandes coisas. (CLAUSEWITZ, 1979, p. 111)

Entende-se então que a liderança é um elemento essencial para se perseverar segundo um objetivo. Logo, cabe ao líder, ao comandante ou ao indivíduo que está à frente de uma operação militar agir, ao seu modo, diretamente sobre outros indivíduos restaurando a moral e o ânimo dos combatentes para que estes alcancem o objetivo traçado. Sendo assim, vemos como importante diferenciar dois tipos de liderança: A liderança autocrática e a liderança democrática, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 1: Comparação da Liderança Autocrática e Democrática

Líder Autocrático	Líder Democrático
Exerce um poder sobre os subordinados.	Exerce o poder com os subordinados.
Demonstra uma desconfiança intrínseca nos subordinados.	Alimenta uma grande fé na natureza humana.
Comanda, manipula e manobra os subordinados.	Sua autoridade se apoia na habilidade de aliciar a cooperação voluntária e a simpatia.
Insiste na obediência cega como a completa subordinação à sua vontade.	Dirige, educa e estimula os subordinados.
Qualquer crítica ou indagação lhe parecerá insolente ou perigosa. Busca uma obediência imposta.	Está sempre disposto a explicar seus atos, pois sabe que essa explicação atende aos interesses dos subordinados e da causa comum. Busca uma obediência consentida.
Julga erroneamente que a aproximação cordial com os subordinados lhe diminui a autoridade.	É humano em sua concepção da disciplina do grupo – que deseja voluntariamente aceita – e sabe interpretar sem rigidez as normas que a regulam.
Limita a liberdade de ação dos subordinados por meio de regras rígidas e minuciosas; insiste constantemente na disciplina ao pé da letra.	Facilita, por todos os meios, a aproximação com os auxiliares e subordinados.
Não leva em conta as diferenças individuais, preocupando-se, apenas, em distribuir indistintamente tarefas, exigindo o seu cumprimento.	Considera a capacidade diversa dos subordinados, aos quais proporciona tarefas e oportunidades adequadas à mesma.
Não considera o interesse que a execução das tarefas possa despertar em seus executores e se desinteressa pelo fato de os subordinados estarem ou não satisfeitos com as condições de trabalho.	Procura fazer com que os subordinados queiram executar suas tarefas, inspirando-os com entusiasmo e persistência.
Desinteressa-se pelo fato de os subordinados estarem ou não satisfeitos com as condições de trabalho.	Envida todos os esforços a seu alcance para que os subordinados estejam satisfeitos com as referidas condições de trabalho.

Fonte: PASSARINHO, 1987.

Dentre todos os grandes sentimentos que enchem o coração do homem no ardente esforço do combate, temos de reconhecer que nenhum deles é tão poderoso e constante como a ambição da honra e da glória (Clausewitz, 1979). Percebemos através da obra de Clausewitz a suma importância do comandante militar em estimular e motivar seus comandados. Cabe a ele reavivar a coragem e a força moral dos seus homens, quando estes já não conseguem, por si só, acreditar na causa da guerra, ou apresentam resistências decorridas do desaparecimento aparente das forças físicas e morais.

Numa situação de conflito armado, onde se tem uma grande mobilização das massas e o motivo político da guerra é muito expressivo, nota-se que a responsabilidade do comandante é muito maior, visto que os interesses em jogo têm muito mais apelo e a escala do conflito é elevada. Sendo assim, exigem-se do comandante militar excelência e habilidade em lidar com seus comandados, pois além das dificuldades aumentarem à medida que o efetivo comandado aumenta (CLAUSEWITZ, 1979), o êxito do conflito pode ser influenciado pelo ânimo com que esses combatem para atingir os objetivos do líder e consequentemente os da nação.

1.4 Conflitos armados globais do século XX

O início do século XX é marcado pela vigência do sistema capitalista e pela supremacia inglesa no cenário internacional. Apesar de existirem naquele momento algumas outras potências como os Estados Unidos e, na própria Europa, a Alemanha, que ganharam destaque internacionalmente graças ao crescimento de suas economias e, principalmente, devido ao desenvolvimento industrial, a Inglaterra continuava a impor sua hegemonia, pois detinha o maior império colonial do mundo. Esse período foi conhecido como Pax Britanica.

Segundo Vicentino (2002), a Inglaterra não buscava somente conservar os seus domínios, mas também, ampliá-los e resguardar-se do poderio crescente dos novos centros capitalistas. O imperialismo europeu transformara a Ásia e a África em áreas de disputas coloniais. A própria Alemanha reivindicava a reformulação colonial, tendo em vista a obtenção de domínios condizentes com seu crescimento de poder. Essas projeções imperialistas juntaram-se a outros fatores desagregadores da paz mundial onde as minorias nacionais na Europa somente reivindicavam o seu direito de autogoverno, baseando-se nos ideais da unificação da Itália e da Alemanha: poloneses, irlandeses, finlandeses e,

principalmente, os povos do antigo império Austro-Húngaro (húngaros, sérvios, croatas e eslovenos) lutavam pela sua independência, e acabavam envolvendo nesse processo grandes nações e fomentando as rivalidades entre elas. Essa situação colaborou com a intensificação do militarismo europeu. Para Vicentino (2002), o armamentismo ocorrido nos grandes Estados, no início do século XX, já indicava a tendência da iminência de confrontos. Assim, os impasses criados pelos interesses capitalistas, pelo imperialismo e pelo nacionalismo conduziram o mundo à Primeira Guerra Mundial.

1.4.1 A Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

A França carregava um grande sentimento de revanchismo, devido à derrota na batalha de Sedan, onde perdera para a Alemanha as ricas províncias da Alsácia-Lorena. Segundo Vicentino (2002), esse fator acabou gerando um espírito nacionalista que abriu a possibilidade para uma nova guerra na Europa. Ao mesmo tempo a rivalidade inglesa com relação à Alemanha criava musculatura devido ao grande avanço industrial e as pressões da Alemanha por uma nova divisão colonial que colocavam em risco a tradicional supremacia inglesa.

Segundo Gilbert (2005), as origens imediatas da Primeira Guerra Mundial estão nas hostilidades entre o império Austro-Húngaro e o Estado vizinho da Sérvia com relação ao domínio da Bósnia, um Estado de predominância eslava, todavia, sob a jurisdição austríaca.

Vicentino (2002) afirma que grande parte das divisas e dos recursos europeus, na época, eram destinados à corrida armamentista, transformando o continente num grande campo armado.

Para Vicentino (2002), o segundo Reich firma a Tríplice Aliança, em 1882, unindo-se ao império Austro-Húngaro e à Itália, que apresentava certas desavenças com a França devido à anexação da Tunísia, na África.

Saindo do seu isolacionismo na última década do século XIX, a França estabelece um pacto militar com a Rússia, em 1894. No início do século XX, a Inglaterra também se une à França, formando a chamada Entente Cordiale, fundindo os interesses das duas nações no plano internacional. Segundo Vicentino (2002), a partir desse momento as antigas hostilidades entre franceses e ingleses foram esquecidas, para que os dois países enfrentassem um inimigo comum: o sucesso econômico da Alemanha, sua expansão colonial e seu exaltado

nacionalismo. Finalmente a Rússia se une à Inglaterra e à França formando a Tríplice Entente. Nesse momento haviam dois grandes blocos antagônicos na Europa, a Tríplice Aliança e a Tríplice Entente.

O Problema da região dos Bálcãs, que teve início no fim do século XIX com o desmembramento do Império Turco-Otomano, também foi um ponto chave responsável pela eclosão da Primeira Guerra Mundial, pois as intervenções imperialistas na região e as lutas nacionalistas dos diversos povos que faziam parte desse Império originaram agudas crises locais e internacionais. Vicentino (2002) afirma que a Rússia defendia o pan-eslavismo, pretendendo unificar os eslavos da região, libertando-os do Império Turco. A Sérvia foi a precursora do movimento pan-eslavista, buscando sua independência do Império Turco. A partir desse momento, a Sérvia, com o respaldo russo, fomentou diversas agitações nacionalistas.

Em 1912, uma coligação de países balcânicos organizou a luta contra o Império Turco-Otomano. Entretanto Sérvia, Bulgária, Grécia e Montenegro acabaram se desentendendo devido a questões de divisões de territórios. Um ano depois, a Bulgária, apoiada pela Áustria, atacou a Sérvia, mas acabou sendo derrotada devido à coligação da Sérvia com Montenegro, Grécia e Romênia. Aproveitando-se desse momento, outros povos eslavos da Bósnia rebelaram-se, buscando a independência com o respaldo da Sérvia.

Segundo Vicentino (2002), em 1914 o arquiduque Francisco Ferdinando, buscando esfriar os ânimos na região, viajou à Sarajevo, capital da Bósnia, para anunciar a formação de uma monarquia Tríplice (austro-húngaro-eslava), elevando a Bósnia Herzegovina ao mesmo nível de importância da Áustria. Na intenção de frustrar o plano austríaco, os sérvios planejaram, através de uma organização secreta denominada Mão Negra, um atentado. Sendo assim, em 28 de junho de 1914 um estudante Sérvio chamado de Gravilo Princip assassinou Francisco Ferdinando e sua esposa, a tiros.

De acordo com Gilbert (2005) o arquiduque era o herdeiro do trono Austro-Húngaro e seu assassinato culminou numa explosão diplomática. Apesar das desculpas sérvias pelo incidente, a Áustria ameaçou declarar guerra à Sérvia. Entretanto, a Sérvia estava protegida pela sua aliada, a Rússia, e as ameaças austríacas foram o primeiro passo rumo a uma guerra geral na Europa.

Em 1º de agosto de 1914, a Áustria declarou guerra à Sérvia. Imediatamente, a Rússia posicionou-se a favor da Sérvia e, a partir daquele momento os sistemas de aliança foram se ativando, resultando na entrada da Alemanha, França e Inglaterra no conflito. A guerra então estava configurada e cerca de um mês depois os exércitos já estavam marchando

para a guerra. De acordo com Vicentino (2002) o episódio em Sarajevo foi apenas um gatilho que acionou a Primeira Guerra Mundial.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) apresentou duas fases. Segundo Vicentino (2002), em 1914 houve o que se chamou de guerra de movimento. Esta fase estava relacionada ao Plano Schlieffen, estratégia alemã que previa a guerra em duas frentes, sendo que o esforço bélico seria todo concentrado no ocidente e, posteriormente, no oriente sem dividir-se. Essa ofensiva começaria contra a França e, após a sua derrota, as operações militares seriam destinadas à frente oriental, contra a Rússia, acreditando em uma vitória em poucos meses. Porém, na execução da ofensiva ocidental, os alemães invadiram o território belga para alcançar a França, violando a sua neutralidade. Esse foi pretexto usado para a Inglaterra declarar guerra contra a Alemanha. Enquanto as tropas alemãs marchavam em direção a Paris, uma ofensiva russa na frente oriental obrigou a Alemanha a dividir suas forças.

Com o fracasso do plano Schlieffen tinha fim a guerra de movimento, iniciando-se a guerra de posição ou guerra de trincheiras. Segundo Rodrigues (1988) outras nações rapidamente foram entrando no conflito. No dia 7 de agosto, Montenegro aliava-se à Sérvia na luta contra os austríacos. Pouco depois, o Japão que tinha interesses em conquistar as possessões alemãs no Extremo Oriente, entrava na guerra. Em outubro, a Turquia, aliada aos Impérios Centrais dava início ao bombardeio dos portos russos no Mar Negro. A Itália, que era país integrante da Tríplice Aliança, proclamou sua neutralidade, alegando o caráter ofensivo e de agressão levada a efeito pela Alemanha. Em maio de 1915, os italianos declarariam guerra aos Impérios Centrais em virtude de promessas secretas, por parte dos membros da Tríplice Entente, de obtenção de territórios turcos e austríacos.

Vicentino (2002) mostra que enquanto a guerra na frente ocidental entrava na fase chamada de trincheiras, na frente oriental ocorriam diversas vitórias alemãs como a Batalha de Tannenberg, na qual cem mil russos foram aprisionados. As contínuas derrotas russas aceleram a queda czarista na Rússia, resultando nas revoluções de 1917 que implantaram naquele país um governo socialista. Com a implementação de um novo governo na Rússia, foi assinado, em 1918, o tratado de Brest-Litovski que oficializava a saída dos russos da guerra. De acordo com Rodrigues (1988) isso permitiu que os alemães retirassem a maior parte de suas tropas da frente oriental e as alocassem na frente ocidental.

No início do conflito, segundo Rodrigues (1988), os Estados Unidos mantinham uma posição de neutralidade devido à influência da opinião pública norte-americana fortemente isolacionista de não se envolver no conflito europeu. Entretanto, aos poucos os Estados

Unidos demonstraram uma crescente solidariedade aos países da Tríplice Entente, fornecendo àqueles países apoio econômico e financeiro. Em abril de 1917 os EUA declaram guerra aos Impérios Centrais devido a inúmeros fatores como: a campanha submarina alemã que ameaçava as exportações norte americanas, a saída da Rússia do conflito depurava os países da Tríplice Entente de seu componente antidemocrático, a revelação que o Segundo Reich procurava estabelecer uma aliança com o México, no intuito de desequilibrar as relações de força com os países norte-americanos e, por fim, o torpedeamento do navio *Vigilantia*, de bandeira norte-americana.

Segundo Vicentino (2002) a entrada dos Estados Unidos foi fundamental para a retomada da ofensiva aliada, pois o seu reforço humano e a oferta de novas armas: tanques, navios, e aviões de guerra dinamizou o conflito, impondo sucessivas derrotas aos alemães.

Graças à superioridade econômica e militar dos aliados, paulatinamente as potências centrais foram sendo derrotadas, e, em novembro de 1918, o próprio kaiser renunciava, refugiando-se na Holanda. O novo governo social democrata da Alemanha assinou o armistício de Compiègne, dando fim à Primeira Guerra Mundial (VICENTINO, 2002).

Terminadas as operações militares, os vencedores reuniram-se em janeiro de 1919 para decidir as diretrizes do pós-guerra. A paz de Versalhes foi presidida pelo presidente norte-americano Wilson; Lloyd George; da Inglaterra; e Clemenceau da França. Segundo Vicentino (2002), antes mesmo do fim da guerra, o presidente Wilson havia concebido um plano para servir de base às negociações de paz. Os chamados 14 pontos de Wilson, foram baseados na ideia da paz sem vencedores, porém foi inviabilizado por diversos acordos paralelos, e principalmente, por pressões da França e da Inglaterra. Segundo Costa (2010) os 14 pontos foram apresentados, em 8 de janeiro de 1918, ao Congresso dos EUA, que os rejeitou, sob a forte influência do isolacionismo na política externa americana. A rejeição deixou os EUA de fora da Liga das Nações, que, anos mais tarde, falhou em evitar a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

1.4.2 O Tratado de Versalhes

O Tratado de Versailles considerou a Alemanha culpada pela guerra, criando uma série de determinações que visavam enfraquecer e desmilitarizar esse país. Foi estabelecido que a Alsácia-Lorena seria devolvida à França e o acesso da Polônia ao mar por um faixa de

terra dentro da Alemanha que desembocava no porto livre de Dantzig. A Alemanha perdia todas as suas colônias, a sua artilharia e aviação e passava a ter um exército de apenas cem mil homens, além da proibição de construir navios de guerra. O valor a ser indenizado pela Alemanha era de aproximadamente trinta bilhões de dólares, que foi sendo renegociado nos anos 20, até ser extinto em 1932 na Conferência Internacional de Lausanne (VICENTINO, 2002).

O Tratado de Versailles também oficializou a criação da Liga das Nações, sem a participação da Alemanha e da Rússia no início, que tinha como função ser um fórum internacional que garantisse a paz mundial. De acordo com Vicentino (2002), a liga nasceu praticamente falida, uma vez que o próprio país que a idealizara e que havia se transformado na maior potência do mundo pós-guerra, dela não participara, por discordar de muitas das decisões do Tratado de Versalhes, preferindo assinar com a Alemanha um acordo de paz, em separado.

Os aliados assinaram também, em 1919, o Tratado de Saint-Germain, que desmembrou o Império Austro-Húngaro, retirando a saída para o mar da Áustria e forçando-a a reconhecer a independência da Polônia, Tchecoslováquia, Hungria e da Iugoslávia.

Segundo Vicentino (2002) os tratados de paz impostos aos derrotados, principalmente o Tratado de Versailles, semearam o espírito de revanche e descontentamento que iria desembocar na Segunda Guerra Mundial.

O território alemão pós-Tratado de Versalhes é bem diferente daquele apresentado no início da Primeira Guerra Mundial. A Alemanha perdeu 13,1% do seu território que correspondiam a 14,6% da superfície cultivável, 74,5% dos minerais de ferro, 68,1% das reservas de zinco e 26% da produção de carvão (STOLPER, 1942, p. 123; HARDACH, 1977, p. 191 *apud* NOGUEIRA, 2010).

Adicionalmente, cedeu aos aliados todos os navios da sua marinha mercante com mais de 1.600 toneladas brutas e metade dos navios entre 1.000 e 1.600 toneladas (STOLPER, 1940, p. 124 *apud* NOGUEIRA, 2010), 5.000 locomotivas, 150.000 vagões e 5.000 caminhões e ainda foi reservado aos aliados o direito de confiscar toda classe de propriedade privada dos alemães localizada nos territórios de países ou nos territórios cedidos (STOLPER 1942, p. 124 *apud* NOGUEIRA, 2010).

As reparações em dinheiro foram quantificadas em 1921 (Resoluções de Paris), e estabeleceram o pagamento de 2.000 milhões de marcos durante os primeiros dois anos, 3.000 milhões anuais nos três anos seguintes, 5.000 milhões anuais nos outros três e, desse ponto em diante, 6.000 milhões anuais por trinta e um anos. Adicionalmente, deveria ser pago,

anualmente, por quarenta anos, o montante equivalente a 26% do produto das exportações alemães (STOLPER, 1942, p. 127 *apud* NOGUEIRA, 2010).

O exército alemão foi restringido a apenas 100 mil homens com no máximo 4.000 oficiais, 102.000 rifles e carabinas, 1.134 metralhadoras leves e 792 pesadas. A marinha ficou restrita a 15 mil homens, (com no máximo 1.500 oficiais), 6 encouraçados, 6 cruzadores ligeiros e 12 contratorpedeiros (IRIYE, 1993, p. 74 *apud* NOGUEIRA, 2010). Ademais, proibiu-se a artilharia pesada, tanques, submarinos e força aérea. O resultado dessas medidas foi o enfraquecimento do Estado Alemão sob os pontos de vista militar, territorial e econômico.

1.4.3 A Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

Segundo Vicentino (2002), a Primeira Guerra Mundial transformou-se no ponto de partida de novos e irreconciliáveis conflitos, pois o Tratado de Versalhes, a partir de suas retaliações, contribuiu para o revanchismo da Alemanha e disseminou um forte sentimento nacionalista que culminou no totalitarismo nazi-fascista.

A Guerra Civil Espanhola (1936-1939) deu a Hitler e Mussolini, associados ao militar espanhol Francisco Franco, condições de testar seus novos armamentos e acabar com a nova República Socialista Espanhola. Esse conflito consolidou a aliança Hitler-Mussolini, chamada Eixo Berlim-Roma. O Japão, pouco depois se uniu aos alemães e italianos, já que, em sua expansão na Ásia, entrou em conflito com a União Soviética, e outros países imperialistas ocidentais. Formou-se então o Eixo Roma-Berlim-Tóquio. Os três países, que encontravam na passividade geral ânimo para novas investidas territoriais, assinaram o Pacto Antikomintern, unidade para combater o comunismo internacional (VICENTINO, 2002).

A Alemanha, após aplicar o protocolo secreto Germano-Soviético², invadiu a Polônia no dia 1º de Setembro de 1939. A Inglaterra e a França enviaram um ultimato a Hitler, no dia 3 de setembro, dizendo que se a Alemanha não retirasse suas tropas da Polônia, a guerra

² No tratado Alemanha e União Soviética comprometiam-se a não atacar um ao outro, e nem a participar de alianças militares que representassem perigo para o outro. Mas o que realmente foi polêmico nesse pacto foi um protocolo secreto em que eles se comprometiam a não interferir nos interesses expansionistas do outro. Isso foi importante para os planos de Stalin de ocupar os países bálticos, uma parte da Finlândia e também uma parte da Romênia. Da mesma forma, garantia que não haveria intervenção soviética em caso a Alemanha decidisse ocupar países da Europa Central, Oriental, península balcânica e Escandinávia. Chegou mesmo a tratar da divisão da Polônia, que seria invadida pelos alemães na semana seguinte à assinatura do Pacto, pelo oeste, e depois pela União Soviética, a leste.

estaria declarada. A Alemanha rejeitou o ultimato, os EUA assim como o Japão, optaram pela neutralidade.

Segundo Pereira (2007), com a Inglaterra estando envolvida no conflito, os Estados Unidos começaram a se preparar para um possível envolvimento direto no futuro, visto que eles eram tradicionais aliados daquele país. Entretanto, existia a vigência de condições legislativas que determinavam uma posição de neutralidade dos EUA em caso de conflitos internacionais, onde essa neutralidade incluía restrições à venda de material bélico a outros destinatários que não as próprias forças armadas norte americanas.

O próximo passo de Hitler se dá em direção ao oeste, a partir de maio de 1940. Em cinco dias de avanços sobre o modelo de ataque Blitzkrieg³ caem a Holanda, a Bélgica e Luxemburgo. Em 4 de junho, a cidade francesa de Dunquerque é tomada e, em 14 de junho, os alemães chegam a Paris. A França apesar de ser uma potência econômica e militar, não conseguiu impor a sua resistência. Estabeleceu-se então um governo colaboracionista na Região de Vichy, sob a liderança do Marechal Henri Pétain, e se teve início a resistência francesa, sob a liderança de Jean Moulin e Charles de Gaulle, este refugiado na Inglaterra. Segundo Nogueira (2006), quando o general De Gaulle chegou à Inglaterra anunciou pela BBC: “A França perdeu uma batalha, mas não perdeu a guerra”.

Após a invasão da França, Pereira (2007) afirma que a expectativa de Hitler era que a Inglaterra negociasse a sua rendição o que, entretanto não aconteceu. Wiston Churchill como primeiro ministro, manifestou a firme posição inglesa de não rendição. A partir daí, Hitler começa a arquitetar os planos de invadir a Inglaterra. Coube à Luftwaffe⁴ a implementação da primeira fase do plano de invasão que era obter a superioridade aérea na região, neutralizando a RAF⁵ e em seguida a Royal Navy⁶

A Luftwaffe inicia intensos bombardeios à Inglaterra a partir de 13 de agosto de 1940, a RAF começa então a rechaçar fortemente os ataques alemães. Segundo Pereira (2003) a resistência inglesa tem seu ponto culminante, em 15 de setembro de 1940, quando apesar dos intensos e maciços bombardeios alemães a Inglaterra consegue rechaçar os inimigos à razão de dois aviões derrubados para um perdido. Esse episódio levou Churchill a proferir, na Câmara dos Comuns a histórica frase: “Nunca, no campo dos conflitos humanos, tantos deveram tanto a tão poucos” (PEREIRA, 2007, p. 74).

³ Termo alemão para guerra relâmpago, baseada em ataques coordenados com a participação da infantaria, veículos blindados e da aviação. Eram ataques caracterizados pela surpresa, rapidez e brutalidade.

⁴ Força Aérea Alemã

⁵ Força Aérea Britânica

⁶ Marinha Britânica

Segundo Vicentino (2002), enquanto se travava a batalha da Inglaterra, os italianos atacavam o norte da África, no intuito de tomar o Canal de Suez, pretendendo romper as ligações da Inglaterra com suas colônias. Outros ataques também foram feitos por alemães e italianos à Bulgária, Grécia e toda a região balcânica.

Necessitando obter minérios, cereais e petróleo, elementos essenciais à máquina de guerra alemã, a partir de maio de 1941, segundo Pereira (2007), a batalha da Inglaterra cessara devido à estratégia de Hitler de concentrar forças na frente oriental, e em junho de 1941, Hitler trai o pacto de não agressão que fora assinado em 1939, e sem ter declarado guerra, investe um ataque surpresa, sobre a União Soviética. Seguindo a tática da Blitzkrieg, foram acionados canhões alemães nas fronteiras e efetuados ataques aéreos sobre aeroportos soviéticos próximos, enquanto a infantaria e grupos de assalto abriam caminho para o exército alemão.

De acordo com Vicentino (2002), os generais nazistas contavam com uma rápida vitória sobre os soviéticos, pois nas fronteiras russas havia um exército de três milhões de soldados alemães preparados para a conquista. Inicialmente o exército soviético pouco pôde fazer para conter a invasão nazista. Porém, Hitler não contava com o grande número de soldados russos, nem avaliara a resistência das tropas soviéticas e da população. Os primeiros meses de êxito dos ataques alemães os levaram até os subúrbios de Moscou, mas no final de 1941, os alemães passaram a experimentar duras e decisivas derrotas.

Os Estados Unidos, desde março de 1941, haviam assumido uma posição contrária ao Eixo, ajudando materialmente a Inglaterra e a França. Em agosto Franklin Roosevelt com o primeiro ministro inglês Winston Churchill selaram a Carta do Atlântico, ratificando a solidariedade entre Estados Unidos e Inglaterra. Essa declaração, baseada em princípios liberais e democráticos, como a renúncia do uso da força na política internacional, a liberdade de navegação em águas internacionais, o respeito à autonomia e às fronteiras políticas, contrapunha-se à política nazi-fascista (VICENTINO, 2002).

De acordo com Vicentino (2002), desde a invasão da China, no Pacífico, a tensão entre os Estados Unidos e o Japão aumentava, principalmente após o ataque japonês sobre a Indochina. Em dezembro de 1941, os japoneses, dando origem ao seu expansionismo e ambicionando a plena hegemonia no Pacífico oriental, atacaram Pearl Harbor, a maior base naval norte-americana no Pacífico Sul, fazendo com que os Estados Unidos entrassem efetivamente na guerra.

Segundo Vicentino (2002), até o início de 1942, a Alemanha, Itália e Japão dominaram a guerra, executando sua estratégia expansionista e, conquistando assim, regiões

estratégicas na Europa, África e Ásia. Mas, a partir da entrada dos Estados Unidos na Guerra, iniciou-se a derrota do Eixo, pondo fim à sua expansão totalitária.

Na Rússia, um dos grandes objetivos de Hitler era a cidade de Stalingrado, por ser um grande centro industrial localizado às margens do rio Volga. A conquista de Stalingrado forneceria à Alemanha o comando de uma rede ferroviária fundamental. Segundo Vicentino (2002), na batalha de Stalingrado soldados e civis russos disputavam cada edifício e cada rua da cidade. Os ataques eram brutais, mas um contra ataque russo, em novembro de 1942, colocou os alemães numa armadilha. Deixando os soldados alemães sem mantimentos, armas e munições. Frederich Paulus, comandante do Sexto Exército alemão insistiu com Hitler na retirada das tropas antes que os russos fechassem o cerco, mas Hitler se recusa. Depois de sofrer grandes e novas baixas, os soldados integrantes do Sexto Exército se rendem no dia 2 de fevereiro de 1943.

No oriente, os japoneses foram derrotados nas batalhas do Mar de Coral e de Midway, esta última segundo Vicentino (2002), considerada a primeira grande derrota da marinha japonesa. Dessa forma, os Estados Unidos foram restabelecendo o seu equilíbrio bélico e assumiram a ofensiva.

De acordo com Vicentino (2002), os aliados iniciaram também uma ofensiva no norte africano e, em 1943, o exército anglo-americano derrotou, no Egito, os nazi-fascistas liderados pelo general alemão Rommel, na batalha de El Alamein. Essa vitória deu aos aliados o controle do Mediterrâneo, possibilitando o desembarque na Itália, abrindo uma nova frente de avanço sobre a Alemanha. Em setembro de 1943, o rei italiano demite o primeiro ministro Mussolini, a Itália rende-se, e no mês seguinte, declarou guerra à Alemanha. Porém, a luta na península contra os alemães e os fascistas locais duraria até o final da guerra, inclusive por esse motivo a Força Expedicionária Brasileira, ao entrar na guerra, foi atuar no Teatro de Operações do Mediterrâneo, tendo o norte da Itália como principal foco de luta contra os alemães.

Segundo Pereira (2007), os desdobramentos da guerra levaram à elaboração, pelos aliados, da Operação Overlord, a qual previa, a partir do desembarque maciço de tropas na Normandia, a abertura de uma terceira frente de combate contra a Alemanha, proporcionando a retomada da França, da Itália, dos Países Baixos e, a partir daí, o avanço rumo à Alemanha pelo norte. Efetivamente a operação é desencadeada no dia 6 de junho de 1944, o “Dia “D””.

1.4.3.1 O “Dia D”

Segundo Vicentino (2002), a terceira frente aliada desembarcou na Normandia, norte da França, no dia 06 de junho de 1944 – o chamado Dia “D”. Sob o comando do general Eisenhower, a Operação Overlord, anulou as forças alemãs estabelecidas no norte da Europa, denominadas Muralha do Atlântico, avançando pelo continente e apertando o cerco sobre o Terceiro Reich.

Antes do desembarque aliado na Normandia, a luta francesa contra a ocupação alemã era feita pela Resistência, composta por mais de cem mil membros que dificultavam a dominação dos nazistas e se opunham aos colaboracionistas de Vichy. Ataques de surpresa e sabotagens eram os meios constantes de luta da Resistência. O rádio era o principal meio de comunicação com os Aliados na Europa ocupada (VICENTINO, 2002).

Segundo Vicentino (2002), a decisão sobre o “Dia D” foi passada em código pela rádio BBC de Londres, através de um verso do poeta francês Paul Verlaine, na noite do dia 05 de junho de 1944, véspera do ataque, alertando sobre o desembarque com mais de três milhões de soldados, prestes a libertar a França. As bases políticas para uma França livre nasceram da luta contra o nazismo. O brigadeiro general Charles de Gaulle, se tornaria o líder da França no pós-guerra.

Em agosto de 1944, Paris era libertada, enquanto as três frentes se direcionavam rumo à Alemanha, pilar principal da guerra. O Exército Vermelho soviético foi o primeiro a chegar à Alemanha, hasteando a bandeira vermelha no alto do Reichstag⁷, no dia 1º de maio de 1945.

Segundo Vicentino (2002), dias antes da rendição final Mussolini foi caçado por populares, após ser preso com sua mulher Clarita Petracci, ambos foram fuzilados e depois pendurados numa praça de Milão, no dia 28 de abril. Segundo Nogueira (2006), Hitler ficou apavorado ao ver as fotos de Benito Mussolini e da mulher pendurados de cabeça pra baixo. Hitler esmurrava as mesas e dizia que com ele não aconteceria aquela humilhação, que os aliados não iriam exibir seu corpo, pois se espalhava uma versão que se ele fosse apanhado vivo, seria colocado numa jaula e exibido em todas as capitais dos países europeus que os nazistas ocuparam, sendo assim, Hitler matou sua mulher Eva Braun e deu um tiro na própria boca, no dia 30 de abril de 1945. Ele ordenara antes, que o seu corpo e o de Eva Braun fosse

⁷ Prédio onde o parlamento federal da Alemanha exerce suas funções. Localiza-se em Berlim no distrito de Mitte. Durante os anos do Terceiro Reich o Reichstag foi usado para fins de propaganda e durante a Segunda Guerra Mundial, para propósitos militares.

colocado numa sepultura em terreno fora do bunker onde os líderes nazistas se refugiaram nos dois últimos anos de guerra, e ordenara também que fossem jogados duzentos litros de gasolina sobre seus corpos, atestassem fogo e depois os cobrissem com terra.

Segundo Vicentino (2002), no dia 8 de maio ocorreu a rendição total da Alemanha, levando os aliados à vitória na Europa. Porém, a guerra ainda continuou no oriente por cerca de dois meses. Os Estados Unidos avançaram sobre o Japão, ocupando Iwojima e Okinawa.

No dia 6 de agosto, sob a justificativa de abreviar a guerra, os norte-americanos lançaram a bomba atômica sobre a cidade de Hiroshima e, três dias mais tarde, lançam outra sobre a cidade de Nagasaki, levando a rendição incondicional do Japão, no dia 19 de agosto de 1945.

As duas grandes guerras são os maiores exemplos que a humanidade tem de conflitos armados. Percebe-se claramente que em ambas situações, temos em jogo os mais diversos tipos de interesses por parte dos Estados, e portanto, as guerras configuram-se em uma situação onde os líderes militares são personagens principais, ou seja, têm um papel muito significativo na ação dos exércitos e tropas envolvidas, determinando o rumo e as consequências da guerra, que influenciam diretamente nos interesses dos Estados.

2 A inserção do Brasil na Segunda Guerra Mundial

2.1. O processo de envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial

Segundo Seitenfus (2003), após o início da guerra, a grande preocupação do governo brasileiro era manter a guerra longe das fronteiras nacionais. Restava ao Rio de Janeiro enfatizar a neutralidade e esperar que o “Espectáculo de ruínas e desgraças que atingem os povos em luta” fosse de curta duração.

Em 2 de setembro de 1939, quando a guerra não podia mais ser evitada, Getúlio Vargas anunciou oficialmente que o Brasil permaneceria afastado do conflito. De uma forma legalista, a justificativa para a neutralidade baseava-se no impedimento constitucional que previa a neutralidade brasileira. “em caso de guerra entre potências estrangeiras não americanas” (SEITENFUS, 2003, p. 175).

Getúlio Vargas pretendia ter a máxima mobilidade de ação, visto que o resultado da guerra não parecia se definir para nenhum dos lados, dessa forma, três decretos presidenciais são publicados, onde cada um deles fazia referência à neutralidade diante do conflito que envolveu, de um lado, Alemanha e, do outro, Polônia, França e Inglaterra. Os principais aspectos das regras da neutralidade brasileira são os seguintes:

o Governo brasileiro iria abster-se de qualquer ato que, direta ou indiretamente, facilitasse, auxiliasse ou hostilizasse a ação dos beligerantes; não permitiria, também, que os nacionais ou estrangeiros, residentes no país, praticassem qualquer ato que fosse considerado incompatível com os deveres de neutralidade do Brasil; no território brasileiro, compreendendo as águas interiores e territoriais, nelas incluindo a fluvial, a lacustre e a marinha, e no espaço aéreo correspondente, não seria tolerada nenhuma ação dos beligerantes que fosse ser interpretada como ofensiva pela neutralidade brasileira. As aeronaves militares dos beligerantes não teriam autorização para voar sobre território brasileiro. As que penetrassem em zona sob a jurisdição brasileira seriam, depois de conveniente intimação, obrigadas a pousar em terra ou no mar. Os aparelhos seriam retidos e desarmados e as tripulações internadas (SEITENFUS, 2003, p. 176).

Enquanto a Inglaterra e a França contentaram-se em tomar nota da decisão do Rio de Janeiro, a Alemanha, em compensação, exprime sua “Satisfação” (SEITENFUS, 2003).

Apesar das intenções expressas pelo governo brasileiro de optar pela neutralidade, a situação era muito mais delicada do que se imaginava, pois algumas disposições vão de encontro às estratégias da França e da Inglaterra de isolar a Alemanha. Segundo Seitenfus (2003) os primeiros incidentes ocorrem no início de setembro de 1939, quando os torpedeiros ingleses Hotspur e Havock fazem uma longa estada no porto do Rio de Janeiro. Esse episódio não alerta a embaixada alemã, porém, quando o episódio se repete em 28 de setembro do mesmo ano, com a estada prolongada do cruzador inglês Srophire e do navio auxiliar Olynthus, a embaixada do III Reich enviou uma nota de protesto ao Itamaraty, o qual protelou a resposta a fim de ganhar o tempo suficiente à partida dos navios. Quando o Srophire e o Olynthus encontram-se fora das águas territoriais brasileiras, o Itamaraty responde ao protesto alemão, indicando que ele não era mais válido, pois os navios incriminados já haviam deixado o Brasil.

Progressivamente, a neutralidade brasileira vai tender a uma aplicação pró-franco-britânica em detrimento da Alemanha; isso se deve, em parte, a ação do Itamaraty e, em particular, de Oswaldo Aranha (SEITENFUS, 2003).

2.2 A política externa brasileira em relação ao processo de envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial

A ascensão do nazismo com a chegada de Hitler ao poder na Alemanha foi vista pelos brasileiros como um fato europeu, que não influenciaria diretamente a nossa política externa. Segundo Seitenfus (2003), as iniciativas do governo alemão nesse período acabam por promover uma aproximação dos dois países. Em 1935, essas interações surpreendentemente se estreitam a um ponto que as relações comerciais, políticas, diplomáticas e militares germano-brasileiras começam a preocupar os Estados Unidos. A aproximação Brasil-Alemanha se dá principalmente através dos planos de incremento das trocas comerciais, da luta anticomunista e da influência exercida do nazismo no sul do Brasil.

A busca por novos mercados, principalmente a produção de algodão em alta no país, criaram o ambiente favorável à aproximação comercial Brasil-Alemanha. O Brasil também tinha grandes anseios pela industrialização, a partir de investimentos financeiros e tecnológicos em troca de matérias prima.

De acordo com Seitenfus (2003), até 1934 a Alemanha estava focada em comprar apenas o café brasileiro, porém, a partir de 1935, o governo alemão percebeu a importância de se explorar as relações comerciais com o Brasil a partir de uma colaboração com o desenvolvimento do país, entendendo que assim poderiam obter todas as matérias-primas que necessitavam.

A partir de 1936 o Brasil aceita o novo plano alemão, também conhecido como plano Schacht, que seria uma espécie de estratégia comercial alemã que previa algumas diretrizes ao comércio exterior como: obrigação dos importadores alemães de obterem um certificado de divisas para poder comprar no estrangeiro, mediante adoção dos contratos *clearing*⁸, isto é, concessão de subsídios aos exportadores alemães, seundo à aplicação de um sistema de compensação financeira bilateral para o comércio exterior, dotado de inconvertibilidade (os denominados *askimarks*, ou marcos bloqueados). Dentro desse novo plano econômico alemão, o Brasil se compromete a fornecer anualmente à Alemanha, 60 mil toneladas de algodão e 96 mil toneladas de café (SEITENFUS, 2003, p. 18).

A preocupação de Washington se acentua diante da situação quando, ao final de 1934, os EUA percebem que a Alemanha está prestes a superar a posição norte-americana no comércio-exterior brasileiro.

Quadro 2: Comércio Brasileiro com os EUA e a Alemanha (1933-1938) em porcentagem calculada com base nos números absolutos em libras-ouro fornecida pela SDN, *Statistiques du Commerce International*, Genebra, 1934-1939.

Ano	Importação de:		Exportação para:	
	Estados Unidos	Alemanha	Estados Unidos	Alemanha
1933	21,2	12	46,7	8,1
1934	23,7	14	39,5	13,2
1935	23,4	20,4	38,9	16,5
1936	22,1	23,5	38,9	13,2
1937	23	23,9	36,2	17,1
1938	24,2	25	34,3	19,1

Fonte: SEITENFUS, 2003, p. 23.

⁸ Os acordos *clearing* são acordos comerciais entre dois países nos quais um pelo menos pratica controle de câmbio restrito.

É realmente interessante perceber que os Estados Unidos tinham um papel de relevante destaque no comércio exterior brasileiro, principalmente como exportador, e no ano de 1936 a Alemanha o ultrapassa, fazendo jus às afinidades germano-brasileiras.

Além dos dados e da aproximação referentes ao comércio exterior entre Brasil e Alemanha, é extremamente importante destacar que o número de imigrantes alemães no Brasil aumentou significativamente. Para se ter idéia, o número de cidadãos estabelecidos no Brasil, em 1920, é pouco superior a 50 mil pessoas, já no período de 1920-1937 chega a ser superior a 222 mil pessoas (SEITENFUS, 2003).

Segundo Seitenfus (2003) a situação internacional no período de 1933 a 1937 inquieta o governo norte-americano, até que em 1940 o Brasil é advertido pelo Estado Maior Americano sobre o perigo da subversão dos povos estrangeiros, no caso, alemães, italianos e japoneses, dentre outros simpatizantes do eixo. O governo brasileiro que outrora sempre fora receptivo a estes povos, principalmente aos alemães e italianos, se atentou após a advertência dos Estados Unidos a reavaliar o problema da infiltração nazista no país.

2.2.1 As negociações com o Brasil

Seitenfus (2003) destaca que as negociações brasileiro-americanas apresentaram várias dificuldades. Não houve um plano objetivo e detalhado, por parte do Brasil, baseado numa estratégia de negociação. A atitude dos dois países foi definida pela evolução dos acontecimentos internacionais, onde o poder de barganha limitava-se por essas circunstâncias. Enfim, foi extensa a pauta de negociações: fornecimentos de equipamentos militares, plano de cooperação econômica em larga escala e projetos de defesa continental. Seitenfus estrutura o plano de fundo que envolve a pauta de negociações do Brasil com os Estados Unidos.

“Vargas soube negociar e se impor perante os Estados Unidos. Siderúrgicas, armas modernas e novos fluxos de investimentos. Tudo isso pode ser considerado subsídio para o desenvolvimento, mas também são símbolos poderosos de progresso e poderio” (ARGUELHES, 2010, p. 116).

2.2.1.1 A modernização do equipamento militar brasileiro

Desde 1930, Getúlio Vargas demonstrou preocupação com o estado material das Forças Armadas. Sustentado politicamente por esta preocupação, Vargas transformou-se em um defensor da modernização dos equipamentos e armamentos militares brasileiros. A inexistência de forças aéreas e o equipamento obsoleto das forças terrestres demonstraram a urgência da questão (SEITENFUS, 2003).

A posição dos Estados Unidos quanto a um eventual armamento brasileiro e latino-americano, em geral, era desconfortável. Washington mantinha duas alternativas contraditórias. A primeira, de acordo com Seitenfus (2003), consistia em manter a América Latina distante da corrida armamentista. Se as vantagens de manter os países latinos longe de armamentos eram evidentes, seus inconvenientes também eram, pois era incompreensível que os Estados Unidos, ao mesmo tempo que pregavam a necessidade de uma defesa coletiva continental, se recusassem a conceder aos países latino-americanos os meios técnicos e financeiros para concretizá-la. A segunda possibilidade que se oferecia aos Estados Unidos era a de continuar sua política restritiva, correndo o risco, no entanto, de levar a América Latina a buscar outros fornecedores, em especial os países do Eixo.

Para Seitenfus (2003), a América Latina, ao contrário, buscava conseguir a maior ajuda material possível, e empenhava-se o menos possível nos projetos de defesa continental. Tratava-se, portanto, de percepções diferenciadas sobre a ameaça à paz e à segurança internacionais. Nessa perspectiva, a posição defendida pelo Rio de Janeiro tornava-se muito particular, sobretudo no que dizia respeito à cessão de bases militares para a defesa continental, pois o Brasil exigia um tratamento especial que ia muito além dos compromissos previstos pelas Convenções Pan-Americanas e dos Estados Unidos.

2.2.1.2 O Projeto de Defesa Continental

O projeto de defesa continental foi apresentado pelos Estados Unidos na Conferência de Consolidação da Paz, em Buenos Aires, no ano de 1936. Foi exposta uma situação onde uma agressão, ou ameaça de agressão, a um Estado ou continente por um Estado extracontinental seria considerada agressão ao conjunto do Novo Mundo. Essa ideia de segurança coletiva é reforçada nas Conferências de Lima e do Panamá anos mais tarde. Faltava definir como por em prática e tornar esse esboço de sistema, algo eficaz que pudesse

ser usado como ferramenta de dissuasão aos potenciais agressores. Um dos fatos de maior gravidade era do conflito se estender para a África do Norte, onde havia algumas colônias muito importantes para a França e a Inglaterra. Esse arranjo da guerra diretamente relacionado como fato de haver colônias francesas e inglesas também na América gerava a preocupação dos países do Novo Mundo, pois, após uma escala em Dacar, os países beligerantes, poderiam instalar-se no nordeste brasileiro, e por esse motivo a rota Dacar-Natal, segundo Seitenfus (2003), constituía-se no caminho mais direto entre a guerra e a paz, tornando a costa nordestina a região de maior vulnerabilidade da América.

Desde o começo da guerra, os Estados Unidos reforçaram sua presença militar no mar do Caribe. As bases militares foram instaladas nas Antilhas, particularmente em todo canal do Panamá, prolongando as instalações de defesa do território norte-americano. A área desprotegida foi marcada pelo início do litoral brasileiro, em especial o norte-nordeste, ou seja, uma superfície de quase três milhões de quilômetros quadrados entre os estados da Bahia e do Pará. O litoral nordestino tem 3.800 km de extensão. A região mais exposta dessa zona é o litoral compreendido entre a Bahia e o Maranhão e, principalmente, o dos estados de Pernambuco, da Paraíba e do Rio Grande do Norte. No interior dessa zona, os estrategistas militares brasileiros e norte-americanos definiram um triângulo, compreendendo as cidades de Natal e Recife e o arquipélago de Fernando de Noronha, constituindo o calcanhar de Aquiles da defesa ocidental. A ausência de comunicação com o resto do país, a topografia propícia a um desembarque e a insuficiência de meios militares da região do triângulo eram incentivos à ação de um eventual agressor que almejasse estabelecer uma cabeça-de-ponte continental (SEITENFUS, 2003).

2.2.1.3 A Cooperação Econômica

Segundo Seitenfus (2003), influenciadas pelas hostilidades na Europa, as relações econômicas brasileiro-americanas podem ser vistas sob três ângulos diferentes.

Em primeiro lugar, quanto à suspensão do pagamento dos atrasados da dívida externa brasileira. Durante todo o ano de 1939 e início de 1940, as partes deram continuidade a seus contatos com vistas a determinarem meios e modalidades que possibilitassem uma retomada dos pagamentos. Apesar dos esforços de Oswaldo Aranha, as negociações foram longas e difíceis, contudo os dois países encontram uma solução com a assinatura do acordo de 25 de março de 1940.

O segundo aspecto das relações econômicas era significativo e traduzia a formidável progressão do intercâmbio comercial, em particular das importações brasileiras. Washington podia considerar-se duplamente satisfeita, pois além de incrementar o comércio com o Brasil, constatava a queda sensível das trocas germano-brasileiras e, enfim, a progressão constante das exportações do Rio de Janeiro para Londres (SEITENFUS, 2003).

O terceiro aspecto era o mais importantes aos olhos do Brasil. Tratava-se de um plano de cooperação econômica em larga escala que devia ser elaborado entre os dois países. Quando da missão Aranha a Washington, no início de 1939, algumas decisões foram tomadas, mas nenhuma se referia à elaboração imediata de um plano de cooperação econômica. Nesse quesito, a questão siderúrgica ocupava posição central, pois dela dependia a industrialização do país. A partir disso a siderurgia condicionava a política externa brasileira, em especial as relações com Washington. Getúlio Vargas fez dela um ponto central e constante em todos os seus projetos governamentais. O governo Vargas, dividido em muitos aspectos, uniu-se em torno da questão siderúrgica (SEITENFUS, 2003).

Para Seitenfus (2003), tratava-se de implantar uma usina que pudesse produzir num primeiro momento 285 mil toneladas de aço por ano, cujo custo de implantação se elevaria a cerca de cem milhões de dólares. Na medida em que o Brasil encontrava-se na impossibilidade de sequer reembolsar os juros da dívida externa, não podia obter um crédito de tal valor, já que o próprio país não podia financiar o conjunto do projeto. Eis o problema fundamental com o qual se debatiam os dirigentes brasileiros. Além do financiamento, era necessária a assistência técnica estrangeira, pois o país não dispunha de tecnologia.

Quando a Segunda Guerra Mundial se iniciou, percebeu-se que o Brasil buscou se manter neutro, procurando uma posição de equilíbrio entre as grandes potências envolvidas no conflito, segundo uma política do presidente Getúlio Vargas. Entretanto, após o ataque japonês a Pearl Harbor, no final de 1941, as pressões norte-americanas para que o Brasil se posicionasse a favor dos aliados continuaram, até que no início de 1942. O governo brasileiro rompeu relações com o Eixo. Podemos dizer que as negociações que o Brasil estabeleceu com os EUA foram fundamentais para que Getúlio Vargas definisse o apoio do Brasil aos Aliados.

2.2.2 O ataque a Pearl Harbor e o envolvimento dos EUA na Segunda Guerra Mundial

Segundo Flores (2008), na década de 30, o Império Japonês adotou uma política expansionista. Em meados de 1935, diversas nações do sudeste asiático já se encontravam sob domínio nipônico. Vários recursos, dentre eles minérios e petróleo, eram necessários para o Japão manter seus domínios. Grande parte desses suprimentos era importada dos Estados Unidos. A política externa norte-americana, praticada no governo do presidente Franklin D. Roosevelt, era claramente contra “o domínio japonês de nações e povos indefesos”. Com a intenção de conter as agressões japonesas na China e Coreia, o governo estadunidense resolveu aplicar uma política de redução às exportações de minério e petróleo ao Japão, o que acarretou em uma grave crise diplomática entre os dois países. Quando o Japão assinou o pacto Tripartite⁹ com Alemanha e Itália, as relações diplomáticas nipo-americanas ficaram mais frias. O governo dos Estados Unidos agora considerava o Japão integrante do “Eixo do Mal” e não mediria esforços para combater esse inimigo em potencial. Era preciso agir com cautela. A guerra na Europa já se arrastava por quase dois anos, a opinião pública americana era adepta ao isolacionismo, tinha uma grande preocupação de se envolver numa nova guerra que só traria dor e tristeza aos americanos. Em outras palavras, o povo americano não queria a guerra, por esse motivo Roosevelt resolveu negociar com o Japão.

A Casa Branca designou o Secretário de Estado Cordell Hull para negociar a “paz restritiva” com o embaixador japonês almirante Nomura. Durante meses os diplomatas americanos e japoneses discutiram meios para manter a paz. Os americanos não abriam mão de exigir garantias sólidas para a paz, firmadas pelo governo japonês. Para acalmar os americanos foi enviado do Japão Saburu Kurusu, representante oficial do imperador Hiroito, para honrar todos os acordos feitos com os americanos. Ao mesmo tempo, porém, em que Nomura e Kurusu negociavam com Hull, o Alto-Comando da Armada japonesa preparava-se para desencadear o ataque a Pearl Harbor (FLORES, 2008).

Deu-se a esse episódio a denominação de “A Grande Traição”, e em 7 de dezembro de 1941, passou a ser conhecido na história como o Dia “D”a Infâmia.

⁹ O Pacto Tripartite, também conhecido como Pacto do Eixo, foi assinado em Berlim no dia 27 de novembro de 1940, em plena 2ª Guerra Mundial, esse pacto foi assinado pelos representantes oficiais da Alemanha, Itália e Japão, formalizando a aliança militar contra os aliados. Esse pacto foi idealizado por Adolf Hitler no intuito de intimidar os EUA a se manterem na neutralidade, porém o efeito foi contrário, pois a partir do ataque japonês a Pearl Harbor, os Estados Unidos entram na guerra (MANO, 1940).

Segundo Flores (2008), a Base Aeronaval de Pearl Harbor, no Havaí foi o alvo do ataque, pois era um ponto estratégico norte-americano para a defesa de sua costa oeste e de seus protetorados na Ásia. Com a ofensiva japonesa no sudeste asiático, o comando da marinha americana decidiu deslocar a frota baseada na Califórnia para Pearl Harbor, como forma de dissuadir qualquer ameaça japonesa.

Pearl Harbor reunia todos os meios para servir de Quartel-General das Operações Combinadas da Marinha e do Exército dos Estados Unidos. Além de possuir uma posição geográfica perfeita, dispunha de estaleiros e docas secas para reparos, bases aéreas para 20 esquadrilhas de aviões, diversos cais para atracagem de navios, uma excelente infraestrutura de comando, onde foram incluídos o centro de controle aéreo com radar e um hospital de base. Todos os recursos para deixar a frota em condições operacionais, além das belíssimas praias. Sendo o Havaí o centro de gravidade do comando militar dos Estados Unidos, Pearl Harbor, portanto, era um alvo tentador para as operações de guerra japonesas (FLORES, 2008).

E assim foi feito, na madrugada de 7 de dezembro de 1941, o Japão ataca de surpresa a base americana de Pearl Harbor, em apenas 2 horas os aviões japoneses, sem aviso prévio liquidaram a maior parte da frota norte-americana. A guerra chega aos domínios dos Estados Unidos. Concebido pelo almirante Isoroku Yamamoto, o ataque japonês a Pearl Harbor é considerado uma das mais ousadas e bem planejadas operações aeronavais da Segunda Guerra Mundial. Na operação conjunta da Marinha e da aviação japonesas, a agressão aos EUA foi de fato efetiva, tendo oito encouraçados afundados ou danificados, 188 aviões destruídos e 3.435 norte-americanos mortos e feridos (FLORES, 2008). Esta façanha militar japonesa passou a ser conhecida como o dia “D” da infância.

Os Estados Unidos, segundo Falcão (1998), declararam guerra apenas ao Japão, porém a Alemanha e a Itália declaram-lhe guerra, no dia 11 de dezembro, deixando evidente o propósito do Eixo: partir para a guerra total. Agora, era o mundo inteiro que estava conflagrado. Parecia inevitável que nosso país se colocasse de imediato ao lado dos Estados Unidos, mas o governo brasileiro limitou-se a convocar uma reunião do seu ministério quando se deliberou, por unanimidade, que o Brasil ficaria solidário com aquele país. A opinião pública nacional, impulsionada pelos antifascistas, pelos simpatizantes dos Estados Unidos, pelos comunistas e pelos estudantes, que constituíam maioria, pressionava para que o Brasil tomasse uma posição mais incisiva, comprometendo-se nessa luta contra a barbárie nazista, como já haviam feito outros países americanos.

Desde 7 de dezembro, data que constituirá um marco novo na vida das nossas comunidades, pois trouxe a guerra ao Continente Americano – assumimos uma posição decidida, coerente com a nossa tradicional política externa e fiel aos compromissos solenes, lembrados e reafirmados mais uma vez nos últimos tempos. A posição brasileira objetiva defender, palmo a palmo, o próprio território contra quaisquer incursões e não permitir que possam as suas terras e águas servirem de ponto de apoio para o assalto a nações irmãs. Não mediremos sacrifícios para a defesa coletiva, faremos o que as circunstâncias reclamarem e nenhuma medida deixará de ser tomada, a fim de evitar que, portas adentro, inimigos ostensivos ou dissimulados se abriguem e venham a causar dano, ou pôr em perigo a segurança das Américas¹⁰ (SEITENFUS, 2003, p. 272-273).

O período que segue à conferência do Rio de Janeiro é um dos mais ricos da história da cooperação entre o Rio de Janeiro e Washington. Os acordos brasileiro-americanos concluídos durante o período entre fevereiro e agosto de 1942 dividem-se em três grupos: os estratégicos e militares, os de luta contra o Eixo e os econômicos (SEITENFUS, 2003, p. 280).

Em represália ao rompimento das relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo, a partir de janeiro de 1942 vários navios mercantes brasileiros foram torpedeados por submarinos alemães. A esses incidentes seguiu-se uma forte mobilização popular em favor da entrada do país na Segunda Guerra Mundial para lutar ao lado dos Aliados contra o nazi-fascismo.

Podemos perceber esse fato através do depoimento do Brigadeiro Neiva, no filme *Senta a Pua*, 1999: “Houve uma sucessão de torpedeamentos de navios nossos, e o povo nas ruas exigia uma reparação a essa agressão totalmente descabida com perdas inúmeras de vidas valiosas, vidas brasileiras”.

Segundo Seitenfus (2003), o rompimento de relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo, anunciado ao final da Reunião de Chanceleres, no Rio de Janeiro, em 28 de janeiro de 1942, tornou os navios brasileiros alvos de ataques dos submarinos alemães. Nos sete meses seguintes, cerca de 34 navios brasileiros foram torpedeados na costa do país, causando centenas de perdas humanas.

Segundo Falcão (1998) a indignação provocada pelos torpedeamentos fortaleceu a campanha em favor da entrada do Brasil na guerra, da qual participaram diversas entidades, entre elas a União Nacional dos Estudantes (UNE). Em resposta aos apelos da sociedade, finalmente, o Brasil decretou o estado de beligerância, no dia 22 de agosto de 1942 e, posteriormente, o estado de guerra, em 31 de agosto de 1942, contra a Alemanha e a Itália.

¹⁰. Discurso de Getúlio Vargas na abertura da Conferência do Rio de Janeiro.

Iniciaram-se então as conversações sobre o envio de um contingente brasileiro à frente de combate. A formação de uma força expedicionária correspondia a um duplo projeto político de Vargas: de um lado, fortalecer as Forças Armadas brasileiras internamente e aos olhos dos vizinhos do Cone Sul, em especial a Argentina, e com isso garantir a continuação do apoio militar ao regime do Estado Novo; de outro lado, assegurar uma posição de significativa importância para o Brasil no cenário internacional, na qualidade de aliado especial dos Estados Unidos. Entretanto, as vitórias aliadas no norte da África, em novembro de 1942, reduziram consideravelmente a importância estratégica do nordeste brasileiro e, por extensão, as possibilidades de reequipamento das Forças Armadas brasileiras. Preocupado, Vargas insistiu com o presidente norte-americano Franklin Roosevelt, quando este visitou Natal, em janeiro de 1943, no fornecimento do material bélico prometido pelos Estados Unidos e no interesse brasileiro em tomar parte ativa nos combates. Com a concordância de Washington, a FEB - Força Expedicionária Brasileira foi finalmente estruturada em agosto de 1943. Para seu comando foi convidado o General Mascarenhas de Moraes.

Da criação da FEB até o primeiro embarque de militares para a Itália transcorreu quase um ano. Nesse período, dedicado à preparação e treinamento das tropas, inúmeros foram os desencontros entre Brasil e Estados Unidos, desde os relativos à liberação do equipamento militar necessário para a atuação das forças brasileiras, até os decorrentes da ausência de uma definição quanto à área de atuação da FEB. Finalmente liberados os armamentos norte-americanos de que o Brasil necessitava, no início de 1944, e superada a resistência britânica à presença de uma força brasileira no Mediterrâneo, o primeiro contingente de tropas brasileiras embarcou, em 30 de junho de 1944, rumo à Itália. Ao longo dos oito meses seguintes, outros quatro contingentes seguiram para o teatro de operações, juntamente com uma Unidade de Aviação de Caça e uma Esquadrilha de Ligação e Observação¹¹.

Até a fundação do Ministério da Aeronáutica, em 1941, os obsoletos aviões de caça brasileiros, oriundos da Marinha e do Exército, voavam cumprindo programas de adestramento ditados pelas Missões Militares francesa e inglesa, sem a preocupação do seu emprego como arma de guerra. O nascimento da mentalidade e a estruturação da Aviação de Caça na Força Aérea Brasileira (FAB), só veio a ocorrer com a criação do 1º Grupo de

¹¹. CPDOC – Fundação Getúlio Vargas **1942- O Brasil na Segunda Guerra Mundial** disponível em: <<http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=2517103>> Acesso em: 18 nov. 2010.

Aviação de Caça, em 1943, pelo Decreto-Lei 6.123, de 18 de dezembro de 1943, tendo sido designado seu primeiro comandante o então Major Aviador Nero Moura.

2.2.3 A criação e formação da FEB

Figura 1: Emblema da FEB



Fonte: <<http://www.portogente.com.br/texto.php?cod=11227>> Acesso em: 05 mar. 2011.

A insígnia da FEB é formada por uma cobra verde que está fumando um cachimbo. O significado de tudo isso: o fundo amarelo, a cobra verde, as letras brancas e o fundo do letreiro em azul, representam as cores da bandeira; a borda vermelha significa a guerra. A cobra fumando foi o símbolo escolhido em resposta a um repórter carioca que dizia ser mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar na guerra¹².

Segundo Moura (1991), o governo do presidente Roosevelt, no início de 1943, não tinha ainda uma posição clara sobre o projeto brasileiro de participação na guerra. Tinha ao menos concordado em levar uma missão brasileira à África do Norte para ter uma ideia mais concreta do teatro da guerra. O governo brasileiro decidiu, após o encontro com Roosevelt, em Natal, assinar a Carta do Atlântico e entrar para as Nações Unidas, visto que em sua reunião com o presidente norte-americano, Vargas foi aconselhado a que o Brasil fizesse parte das Nações Unidas devido à conjuntura do conflito e a vontade brasileira de participar efetivamente da guerra.

¹² Fonte: <<http://www.batalhaosuez.com.br/introducaoFEB1.htm> acessado em 20/04/2011> . Acesso em 05 mar. 2011.

Um dos primeiros oficiais brasileiros a visitar o Quartel-General de Eisenhower foi o brigadeiro Eduardo Gomes, comandante da Força Aérea Brasileira. Retornando ao Brasil impressionado com o poderio militar norte-americano e com a ideia, após conversar com alguns oficiais americanos, de que estes desejavam que uma força expedicionária brasileira fosse enviada à África, tomou a iniciativa de escrever ao general George Marshall, chefe do Estado-Maior americano, o suposto apoio dos oficiais americanos ao envio de uma força expedicionária brasileira ao Norte da África. Segundo Moura (1991) se isso fosse realmente verídico, contrariaria as proposições feitas por Roosevelt à Vargas em Natal, como também uma oposição anterior de Eisenhower à presença brasileira na região. O general Marshall respondeu à carta de Eduardo Gomes elogiando a contribuição brasileira ao esforço de guerra em termos de cessão de bases aéreas e outros benefícios, mas nada comentou com relação ao envio de tropas brasileiras à guerra.

Segundo Moura (1991), o Departamento de Estado norte-americano percebeu ainda, em 1943, que o entusiasmo brasileiro por uma participação mais ativa na guerra não poderia ser afastado sem que surgissem efeitos negativos na relação do Brasil para com a guerra e seus aliados. A partir dessa conclusão as autoridades tanto no Rio de Janeiro quanto em Washington, chegaram à mesma posição. O presidente Roosevelt também apoiou o projeto brasileiro e, por volta de abril de 1943, os setores civis e militares do governo americano começaram a dar respostas positivas à solicitação brasileira de participação na guerra.

Após a concordância com relação a criação de uma Força Expedicionária Brasileira, o próximo passo seria decidir para onde se deslocaria a mesma. O Departamento de Estado tentou explorar a possibilidade do envio das tropas brasileiras para os Açores e Madeira, substituindo as tropas portuguesas que estavam se retirando de lá. Porém, houve refuta por parte dos governos britânico e português, pela razão de revelaria a presença clara dos Estados Unidos em possessões portuguesas.

De acordo com Moura (1991), as conversações oficiais continuaram na JBUSDC¹³ e seus resultados foram reunidos na Recomendação nº 16, aprovada, no dia 11 de agosto de 1943, um ano depois de o Brasil declarar guerra ao Eixo.

O processo de formação da FEB foi complicado e lento: apenas uma divisão foi organizada, de três que foram aprovadas, a partir de batalhões diferentes e fora dos padrões determinados pela JBUSDC. Segundo Moura (1991), desde o início desse processo experimentou-se uma carência acentuada de material, recursos e capacidade organizacional.

¹³ Joint Brazilian – United States Defense Commission. Comissão conjunta de defesa formada pela colaboração militar Brasil-EUA estabelecida em maio de 1942.

Após muitas negociações com o governo norte-americano e mesmo sem o convencimento do governo britânico, o Brasil consegue enviar, entre Julho de 1944 e Fevereiro de 1945, cinco contingentes da Força Expedicionária Brasileira para Nápoles em navios norte americanos, após o general Eisenhower aprovar a integração das tropas brasileiras no mediterrâneo. A FEB com 25 mil homens veio a atuar como uma divisão do 5º Exército Americano, sob o comando do General Mark Clark.

Em contrapartida, as bases aéreas em Natal, Fortaleza, Recife e Salvador, passaram a receber um considerável fluxo de aviões rumo à África e ao Mediterrâneo. Além disso, essas bases contribuíram para o patrulhamento aéreo do Atlântico Sul.

2.2.4 A formação da FAB e o surgimento do 1º grupo de aviação de caça

Segundo Lavenère (1975), o Art. 8º, do Decreto-lei nº 2.961, de 20 de janeiro de 1941, criou o Ministério da Aeronáutica, fazendo surgir as Forças Aéreas Nacionais. Quatro meses mais tarde, pelo Decreto-lei nº 3.302, de 22 de maio de 1941, as Forças Aéreas Nacionais passaram a ser chamadas de Força Aérea Brasileira – FAB. Pelo mesmo decreto as bases da aviação naval e militar em todo país passaram a ter a designação de Bases Aéreas.

Em meio ao cenário da guerra que se aproximava, principalmente, após o ataque a Pearl Harbor, iniciou-se ainda em 1941, a instalação de Bases Aéreas com auxílio dos norte-americanos no litoral brasileiro. Assim que as autoridades norte-americanas puderam ceder alguns aviões de guerra à Força Aérea Brasileira, esta se organizou para que pudesse realizar os patrulhamentos na costa brasileira.

Em 22 de Maio de 1942 entre o arquipélago de Fernando de Noronha e as Ilhas Rocas, aconteceu o primeiro ataque brasileiro a um submarino alemão. Um B-25 “Mitchell” da FAB que fazia um vôo de patrulha surpreendeu o submarino inimigo navegando na superfície. Outro ataque foi realizado, no dia 27 de maio do mesmo ano, ao largo da costa do Ceará. Os ataques aéreos foram motivo de um telegrama de congratulações enviado pelo presidente Roosevelt ao presidente Getúlio Vargas (LAVENÈRE, 1975).

Sua Excelência o Senhor Getúlio Vargas Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil - Rio

Recebi com a maior satisfação a notícia dos bem sucedidos ataques a submarinos inimigos levados a efeito ao largo das costas do Brasil. O valor e a perícia dos elementos da Força Aérea Brasileira que tomaram parte nessas operações estão acima de qualquer elogio. Eles desferiram vigorosos golpes em apoio da campanha de proteção à navegação do Continente. Por intermédio de Vossa Excelência,

transmito-lhes as minhas calorosas felicitações e os meus votos de felicidade. Franklin D. Roosevelt (LAVENÈRE, 1975, p. 257).

Como já mencionado, em 31 de agosto de 1942, foi declarado o estado de guerra pelo Brasil à Alemanha e Itália, em todo o território nacional. Após essa declaração foram torpedeados, durante 1942 e 1943, mais 11 navios brasileiros (LAVENÈRE, 1975, p. 260).

No final de 1943, o governo brasileiro decidiu enviar forças militares brasileiras para o Teatro de Operações do Mediterrâneo. O Ministro da Aeronáutica Salgado Filho resolveu, ainda, que por mais empenhada estivesse a FAB no seu laborioso processo de desenvolvimento e organização e por maiores que fossem os seus compromissos nas operações aéreas do Atlântico Sul, ela não poderia deixar de participar da luta ao lado da FEB, na Europa. Ficou ainda decidido que a Força Aérea Brasileira forneceria à Força Expedicionária Brasileira o pessoal necessário para a formação de uma Esquadrilha de Ligação e Observação – 1ª ELO.

Uma vez decidido enviar também uma Unidade de Caça para o Mediterrâneo, as providências se sucederam com rapidez.

Segundo Lavenère (1975), em 18 de dezembro de 1943, pelo Decreto-lei nº 6.123, o governo criou o 1º Grupo de Aviação de Caça, e pelo Decreto de 27 de dezembro de 1943, foi classificado, como Comandante no 1º Grupo de Aviação de Caça, o Major Nero Moura.

Segundo Lima (1989), foi a Nero Moura a quem coube a responsabilidade de organizar o 1º Grupo de Aviação de Caça. Obteve êxito em virtude da eficiência da equipe responsável e da compreensão da grande maioria dos aviadores da Marinha e do Exército, os quais colocaram os interesses particulares, em segundo plano, unindo-se para a criação de uma força coesa, que pudesse colaborar com as tradicionais forças do Exército e da Marinha.

Definido o Major Nero Moura na função de Comandante do 1º Grupo de Aviação de Caça, tratou imediatamente de estruturá-lo com os meios disponíveis na época. O primeiro passo dado foi o de recrutar o pessoal que iria formá-lo. Optou pelo critério do voluntariado, nas fileiras da FAB, de pilotos e especialistas em todas as categorias. Dentre esses voluntários, foram escolhidos homens-chave, formando um grupo de 16 oficiais e 16 sargentos. Como segunda providência, deu-lhes a atribuição e a responsabilidade da seleção dos auxiliares: aos comandantes de esquadrilha, a escolha de seus pilotos e, aos outros homens-chave, designados para as chefias de manutenção, suprimento, armamento, comunicação, inteligência e serviço médico, a de seus comandados diretos. Assim, o Grupo foi se desenvolvendo.

Em janeiro de 1944, Nero Moura seguiu com 32 homens-chave para Orlando, na Flórida, EUA, onde iriam cumprir um período de treinamento de 60 horas nos caças Curtiss P-40 e adaptação às normas da US Army Air Force, na Escola de Tática Aérea. Em março do mesmo ano, Nero Moura embarcou com seus companheiros para a Base Aérea de Aguadulce, Panamá. O resto do pessoal recrutado, que tinha vindo do Brasil, já o esperava naquela Base. Nessa ocasião, Nero Moura foi promovido ao posto de Tenente-Coronel Aviador.

Na Base de Aguadulce, o Grupo constituiu-se em uma unidade tática. Foi ali que se formou efetivamente o corpo do 1º Grupo de Aviação de Caça. Pilotos e equipagens de apoio se entrosaram de tal modo que, já em abril, aquela Unidade Aérea passou a operar independentemente, tomando parte do complexo Sistema de Defesa Aérea da Zona do Canal do Panamá.

Terminado o treinamento, mediante 110 horas de vôo nos caças Curtiss P-40 Flying Tiger e concluídos os programas dedicados para os outros postos de trabalho, em Aguadulce, aquele grupo, criado no dia 18 de dezembro de 1943 estava quase pronto. Em junho, rumou para os Estados Unidos, onde na Base Aérea de Suffolk, Long Island, NY, travou conhecimento com o Republic P-47-Thunderbolt, um dos mais modernos aviões de caça da USAAF. O treinamento em Suffolk foi tão duro quanto o de Aguadulce. Concluído o curso, pilotos e equipagens de apoio estavam prontos para entrar em ação.

Figura 2: Avião P-47 Thunderbolt usado em combate pela FAB.



Fonte: <http://www.luftwaffe39-45.historia.nom.br/p47_2.jpg> acesso em: 18 de abril de 2011.

Especificações

Tipo: Caça Bombardeiro

Potencia: Um motor a pistão Pratt & Whitney R2800-59 equipado com condensador

Velocidade Máxima: 696 km/h (433mph)

Teto Operacional: 12.800m;

Peso Vazio: 4.490kg **Peso Máximo de decolagem:** 6.769kg

Armamentos: Oito Metralhadoras Browning M2 de 12,7mm; 907kg de Bombas; dez foguetes de 127mm

Dimensões: Envergadura: 12,43m; **Cumprimento:** 11,03m; **Altura:** 4,44m; **Área da asa:** 27,87m². (NEWDICK, 2010, p. 157).

Naquele momento o grupo já estava preparado, apenas, faltava-lhe experiência de combate. Assim se desenvolveu o 1º Grupo de Aviação de Caça, integrando o 350º Fighter Group¹⁴. Faziam Parte do Grupo Brasileiro 466 pessoas: 49 Pilotos e 417 homens de apoio. Ao desembarcar no Porto de Livorno, Itália, a 06 de outubro de 1944, estava em condições de ser submetido ao teste real de combate.

Evidencia-se o intuito de se formar um Grupo de Aviação de Caça realmente operacional através do depoimento do Major John Buyers.

Eu fui nomeado como oficial de ligação do 1º Grupo de Aviação de Caça e fui enviado para Orlando, ali foi que eu tomei o primeiro contato com o 1º Grupo de Aviação de Caça como tal. As minhas instruções de Washington, do Pentágono, eram que o 1º Grupo de Aviação de Caça tinha que ser um sucesso, e se qualquer um no teatro de operações, mesmo que fosse o comandante do teatro, criasse obstáculos, eu deveria entrar em contato direto com o Pentágono que eles resolveriam o caso. (Major da Reserva da USAF John Buyers, 1999).

De acordo com o filme Senta a Pua! (SENTA A PUA!, 2000), durante a travessia do Atlântico, a bordo do Navio USS Colombie, levantou-se a necessidade de ser criado um símbolo que representasse o grupo. Após discussão julgaram ser representados por um avestruz devido ao fato de que todos se alimentavam com comidas norte-americanas, que não se adaptavam ao seu paladar. Coube ao Capitão Fortunato, integrante do grupo, criar o símbolo do 1º Grupo de Aviação de Caça (ver Anexo A).

¹⁴ O 350th Fighter Group USAAF é uma unidade formada em 1º de outubro de 1942 na Inglaterra. Muito dos seus primeiros pilotos haviam servido na *Royal Air Force (Força aérea britânica)* ou na *Royal Canadian Air Force (Força aérea Canadense)*. Quando dos desembarques anglo-norte-americanos no Norte da África (*Operação "Torch"*), o 350th FG foi transferido para aquele teatro de operações e seguiu com os aliados no front Italiano. O 1º Grupo de Aviação de Caça brasileiro constituía um dos quatro esquadrões do 350º FG.

3. A liderança na guerra

Em uma situação de guerra, o líder militar assume um papel fundamental, pois cabe a ele estruturar os meios pelos quais os objetivos traçados pelo Estado serão atingidos. Avançar sobre esses objetivos não é apenas uma questão de vitória ou derrota, avanço ou recuo, conquista ou fracasso, mas sim, alcançar e defender os interesses da nação.

Se a guerra é a política por outros meios, como afirma Clausewitz (1979), o líder militar tem a função de fazer com que os resultados da guerra sejam os melhores possíveis para o seu país, independentemente do objetivo visado pela nação. Se uma nação tem como objetivo eliminar a ameaça de outro Estado ou país, cabe ao líder militar se utilizar da sua virtù, ou seja, utilizar-se das suas qualidades essenciais de líder. Também deve aproveitar-se da fortuna, ou seja, esperar por uma oportunidade que o acaso promoverá, tendo em vista atingir o objetivo da guerra com sucesso, no caso, a eliminação do inimigo em razão da ameaça que ele representa. Além da ameaça externa, como mencionado, os interesses da nação podem ser os mais diversos possíveis: preservação de um elemento em que se acredita estar de acordo com seus valores, preservação da cultura, interesse em ter acesso a novas matérias-primas, entre outros.

Como este trabalho pretende analisar a liderança militar relacionada à participação brasileira na Segunda Grande Guerra, podemos afirmar que a política de Vargas defendeu a entrada do Brasil nesse conflito, no intuito de se aproximar dos Estados Unidos e obter êxito nas negociações voltadas à cooperação econômica, financiamento da Siderúrgica de Volta Redonda e da modernização das Forças Armadas brasileiras. Ou seja, pode-se dizer que o governo brasileiro decidiu a entrada do país na guerra visando o desenvolvimento. Por outro lado, vemos também que o governo brasileiro tomou essa decisão incentivado pela opinião pública, que através da mobilização popular, pedia que o Brasil fosse à guerra em resposta aos torpedeamentos de navios brasileiros.

Dentre os mais de 25 mil homens que o Brasil enviou para lutar na Itália, na intenção de defender a nossa pátria, percebemos que alguns fizeram, de fato, história entre os demais combatentes. Esses personagens são enaltecidos devido à nobreza de seu caráter e, sem dúvida, pelos seus grandes feitos e resultados no campo de batalha. Destacaremos dois desses personagens que demonstraram um forte espírito de liderança e contribuíram, na prática, com o sucesso do Brasil em sua participação na Segunda Guerra Mundial.

3.1 Comandante Nero Moura

Figura 3. Comandante Nero Moura



Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/_V93TmHfEn1o/TRKJDWNI3II/AAAAAAAAABL4/ZgzIJoiLreY/s1600/neromoura.jpg> acesso em: 20 de abril de 2011.

Nascido na Cidade de Cachoeira do Sul, no Rio Grande do Sul, em 30/01/1910, Nero Moura era filho de fazendeiros de arroz. Ele fez o curso primário no próprio município, indo depois cursar o Colégio Militar de Porto Alegre.

Segundo Theodoro (2005), em 1927 Nero foi admitido como Cadete na Escola Militar de Realengo, no Rio de Janeiro. Um ano depois, optou pela Arma da Aviação, sendo transferido para Escola de Aviação Militar (EAM) no Campo dos Afonsos – Rio de Janeiro, onde completou os estudos de Oficial Aviador do Exército. Tornou-se Aspirante em 22/11/1930, e em janeiro de 1931, foi promovido ao posto de 2º Tenente. Suas primeiras missões foram executadas no Correio Aéreo Militar.

Com a eclosão da Revolução de 1932, Nero Moura participou desse conflito ao lado das forças legais, realizando vôos de reconhecimento, bombardeio e ataque ao solo, na região do Vale do Paraíba, chegando a completar 100 horas de vôo em missões reais. Terminada a revolução, foi convocado para ser instrutor de vôo, na EAM. Sua promoção a 1º Tenente aconteceu em 1933 e, em 1934, deixou a Escola de Aviação para fazer o curso de aperfeiçoamento na École d'Application de L'air, em Versailles, na França (THEODORO, 2005).

De acordo com Theodoro (2005), após a sua promoção a Capitão, em 1937, foi designado Subcomandante do 3º Regimento de Aviação, em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Tinha ordens de, se necessário, combater um possível levante do governo estadual.

Nero Moura participou da criação do Ministério da Aeronáutica e da Força Aérea Brasileira, em 1941, como Major Aviador, tendo sido instrutor do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais. No dia 18/12/1943, foi criado o 1º Grupo de Aviação de Caça, destinado a combater ao lado dos aliados na Segunda Guerra Mundial conforme o depoimento abaixo do Brigadeiro Rui Moreira Lima no filme *Senta a Pua!* (2000):

Entre os voluntários do grupo para comandar a unidade, os mais cotados foram o Major Nero Moura e o Major José Vicente Faria Lima. Na disputa entre os dois, Faria Lima chegou a dizer para o Ministro Salgado Filho o seguinte: “Olha, eu tenho as mesmas qualidades do Nero, e eu gostaria de ir porque eu sou mais antigo.”. Nero rebatendo, assim se expressou:

Sr. Ministro, o Major Faria Lima é engenheiro, e eu só sou piloto. Se eu for abatido na guerra, se perde um piloto. Ele é tão piloto quanto eu, mas se ele for abatido na guerra nós vamos perder um piloto e um engenheiro, além do mais, é minha função, e as unidades são comandadas por pilotos de combate e não por engenheiros. A eles há a reserva de um trabalho mais elevado, mais intelectual.

Nero Moura, ao usar seus argumentos, convenceu o então Ministro da Aeronáutica, Salgado Filho, a lhe enviar como comandante do 1º Grupo de Aviação de Caça. Podemos assim inferir que os dois elementos que Maquiavel apresenta como essenciais para um líder o colocaram à frente do Grupo. A virtù, representada pela competência e mérito de Nero Moura, que além de ser um dos mais cotados para assumir a liderança do grupo, argumentou com seu poder de convencimento, rebatendo o argumento da antiguidade do Major Faria Lima. E a fortuna, ou seja, o acaso, o momento oportuno que favoreceu Nero Moura foi de o Brasil ter obtido êxito nas negociações de envio de uma Força Expedicionária para combater ao lado dos Aliados, além da Formação do Ministério da Aeronáutica que organizou e deu origem ao 1º Grupo de Aviação de Caça.

Designado como comandante do 1º Grupo de Aviação de Caça, Nero Moura selecionou alguns homens chave, que o ajudariam a montar a equipe para compor o grupo que seria treinado e posteriormente, designado para o combate no Teatro de Operações do Mediterrâneo. Nero Moura selecionou pessoalmente 32 homens-chave, 16 oficiais e 16 Sargentos, que tinham a responsabilidade de selecionar os demais componentes do 1º Grupo de Aviação de Caça. Isso mostra, conforme o Quadro I, que Nero Moura comandava e exercia a sua liderança com seus subordinados e, não apenas, sobre eles.

Alguns outros episódios também mostram o caráter e o estilo de liderança de Nero Moura, dentre eles, a história contada pelo Brigadeiro Rui Moreira Lima em seu livro *Senta a Pua!*

Um dia, Nero Moura reuniu os integrantes do grupo, em Pisa, no clube Senta a Pua! e lhes dirigiu a palavra, dizendo: “Vocês são jovens e os jovens são irreverentes. Eu dei ordem aos sem vergonhas do gabinete para não censurarem as cartas de vocês. Pois bem, tenho em mãos quatro fotocópias de cartas que eles me remeteram, em que vocês me criticam acemente. Felizmente o que vocês falaram de mim não me atinge e por um simples motivo, o que foi dito é profundamente injusto. Vou queimá-las na frente de vocês (acendeu o isqueiro queimando-as), mas aproveito para lhes dar um conselho de mais velho e mais experiente também: Somente se acusa alguém de alguma coisa se existirem provas, se não, o máximo que se pode fazer é pensar, mas pensar baixo. Quero dizer-lhes ainda que vocês não foram traídos por mim, que já proibi que censurassem suas cartas, mas pelos álicos que estão em toda parte, e é impossível alguém livrar-se deles. Continuo a pensar sobre vocês o que tenho repetido várias vezes: nunca comandi nem nunca convivi com homens tão nobres. É só”. E a reunião foi terminada. (LIMA, 1989:29)

Nós nos entreolhamos em silêncio, emocionados diante da lealdade e da atitude digna daquele homem. Eu era o autor de uma das cartas. Senti desmoronar o mundo em cima de mim. Após o incidente, seu tratamento conosco continuou o mesmo. Não mudou de cara nem alterou a rotina. O incidente morreu após a reunião. Com o passar do tempo, verificamos que fomos realmente precipitados em nosso julgamento. Aí está o traço do caráter deste homem. Exerceu o comando sem usar somente seus galões. Comandou com o exemplo. A liderança era exercida em terra e no vôo. Quando nos comandava no ar tínhamos certeza de chegar ao alvo no minuto certo. Expunha-se ao fogo antiaéreo igualzinho aos seus tenentes. (LIMA, 1989, p. 29)

Esse episódio retrata como a liderança do Comandante Nero Moura era exercida segundo elementos democráticos. De acordo com o Quadro I, Nero Moura explica o motivo de suas atitudes, pois entende que essa explicação atende aos interesses dos subordinados. Ele busca uma obediência consentida, e não imposta. Quando Nero Moura afirma que nunca comandou, nem nunca conviveu com homens tão nobres, demonstra que ele acredita e deposita uma grande fé no grupo. Ele não deixa de repreender pelo ato que lhe pareceu injusto, mas ao invés de punir ele dirigiu e educou seus homens.

Segundo Lima (1989), o Comandante Nero Moura demonstrava muita segurança aos seus comandados, principalmente nas missões de combate. Ele relata que por diversas ocasiões voava com Nero Moura em lugares arriscados como Casarsa, Isola di Scala e Legnago, regiões consideradas perigosas pelo intenso fogo da artilharia anti-aérea alemã, em ataques rasantes.

Os alemães lá embaixo deviam dizer entre eles: “Não atirem que é o Nero...” E realmente não se via nem se ouvia nenhum tiro. Certa vez o Perdigão, nº 3 na esquadrilha, falou pelo rádio, quando desceu na região de Casarsa: Jambock Green 3, cuidado que isso aqui é Casarsa. “Jambock Brown 3 estou ciente. E daí? Estás assustado feito coelho? Eles sabem bem em quem atiram, concluiu brincando. [...] passamos na área de Casarsa a baixa altura e por incrível que pareça não recebemos nenhum tiro. Aliás, nosso comandante era um sujeito de sorte, por onde passava, os

alemães não sacavam as “pistolas” do coldre. Na linguagem de hoje poderia ser chamado de um “Cara quente” (LIMA, 1989, p. 29-30).

Nero Moura realizou 62 missões de guerra. Foi reconhecido com as mesmas condecorações que seus pilotos receberam. Segundo Lima (1989), nos arquivos do grupo, em Santa Cruz, se ainda existirem os filmes de combate que eram filmados em tempo real durante as missões do grupo, os de Nero Moura chamam a atenção, devido à sua precisão no mergulho durante os bombardeios picados e os tiros de metralhadora a alvos terrestres.

Essas declarações mostram como o Comandante Nero Moura se enquadra no perfil do gênio guerreiro definido por Clausewitz (1979). Nero Moura tinha uma habilidade extrema no combate e nas atividades militares. Essa combinação de todas as habilidades e forças orientadas para a atividade militar levam-no a manifestar façanhas e feitos extraordinários.

Para Lima (1989), Nero Moura foi justo, porém muito exigente. A indisciplina no vôo nunca era tolerada, dava cadeia no duro. Não havia no grupo nenhuma voz que se erguesse contra ele. Por hesitação ou escrúpulo, deixou de promover em campanha muitos companheiros do escalão terrestre, pois não queria criar nenhuma desavença com os soldados responsáveis pelas defesas das costas brasileiras. Para se ter uma dimensão de como agia Nero Moura, não houve nenhum piloto do grupo que tenha sido condecorado com a Cruz de Bravura. Preferiu condecorar com essa medalha apenas os mortos em combate.

A declaração do Brigadeiro Rui Moreira Lima, nos mostra que Nero Moura, apesar de grande companheiro dos integrantes do grupo, não tolerava a indisciplina. Segundo o Quadro I, isso é característica de uma liderança autocrática, pois ele limita a liberdade de ação dos subordinados por meio de regras rígidas e minuciosas, e insiste constantemente na disciplina ao pé da letra. Porém, isso parece óbvio no sentido de que a própria liderança militar exige e estipula a disciplina extrema, sendo difícil dela se desviar. Uma coisa é exercer uma liderança democrática, outra coisa é não seguir o regulamento.

A liderança de Nero Moura foi virtuosa de tal maneira que ele conseguiu até mesmo superar as condições adversas durante a campanha na Itália. Podemos destacar o episódio em que as operações do grupo quase foram suspensas devido ao demasiado número de perdas e a falta de reposição de novos pilotos, conforme os depoimentos abaixo extraídos do filme Senta a Pua! (2000).

A esquadrilha amarela era muito agressiva, muito corajosa, seus membros tinham uma autoestima que era diferente das outras esquadrilhas, eles eram tremendamente bravos, corajosos, então nós perdemos essa esquadrilha: caiu o Joel, caiu o Danilo, caiu o Dornelles, caiu o Medeiros, caiu o Brandinni, Caiu o Mota Paes, ou seja, acabou a esquadrilha, e como não havia pilotos de reacompanhamento, passamos a atuar com apenas três esquadrilhas. Eramos 22 pilotos voando em 3 esquadrilhas.

Segundo o depoimento do Brigadeiro Magalhães Motta, o problema do repletamento na Itália havia se tornado crítico. A perda era na média a de três pilotos por mês e vinha se acumulando desde o início das operações em novembro de 1944.

A melhora do tempo com a chegada da primavera em abril, o comando do Teatro de Operações do Mediterrâneo determinou que fosse desencadeada uma ofensiva contra os alemães que foi chamada de Ofensiva da Primavera.

Já era evidente para todos nós que o final estava muito próximo, os alemães já estavam na correria, já tinha sido rompida a linha de frente, o americano aprofundava a todo vapor, mesmo largando alemão para trás, pois o que ele queria era chegar ao Passo do Bernner para fechar a saída de maneira que a gente contava que a guerra estava por poucos dias (BRIGADEIRO MEIRA, 1999).

Houve a convocação dos Comandantes das unidades de caça na sala do Coronel Nielsen, comandante do 350° Fighter Group e nosso comandante operacional, e ele disse o seguinte: “Nós vamos fazer entre 6 e 29 de abril um esforço máximo, esse esforço vai constar de 44 surtidas diárias” virou-se então para o Coronel Nero e disse-lhe: “Nero, seus rapazes já chegaram ao limite da resistência humana, eles não precisam mais fazer esse esforço, inclusive porque vocês só têm 22 pilotos e eu não vou exigir que um piloto de vocês faça duas ou três missões por dia.” Então o Nero respondeu: “Antes de tomar essa decisão eu vou consultar o meu pessoal de apoio e os pilotos.” Que estavam ali voluntários e disseram: “Não Coronel, não vai se fechar o grupo não, será uma vergonha para o Brasil.” E então nós topamos e começamos a Ofensiva da Primavera (BRIGADEIRO RUI MOREIRA LIMA, 1999).

Esse episódio mostra como Nero Moura era provido da definição de Clausewitz (1979) denominada Presença de Espírito, em outras palavras, Nero Moura era provido da capacidade de vencer o imprevisto. Clausewitz (1979) afirma que a Presença de Espírito derivava de duas expressões: coup d’oeil e resolução. A primeira seria o olhar do espírito, ou seja, a habilidade de saber interpretar uma situação, a segunda é a coragem aplicada a um caso particular. A coragem aplicada aí não é em relação a um perigo físico, mas sim ao perigo diante das responsabilidades, como Clausewitz chama de perigo do espírito.

Apesar da grande adversidade sofrida pelos pilotos do 1°GAvCa, devido ao fato de haver um alto número de baixas dos pilotos e ao mesmo tempo a ausência de repletamento de novos pilotos, Nero Moura preferiu dividir a decisão com seus homens e segundo Lima (1989), disse-lhes que ele ficaria na Itália. Seria muito mais simples dissolver o grupo, mas ele manteve a coragem perante essa situação para que o 1° GAvCa, que estava representando o Brasil, cumprisse totalmente seu dever. Seus homens seguindo seu exemplo preferiram continuar com a operação, mesmo sendo muito desgastante devido ao excesso do número de missões da ofensiva.

O Grupo então executou as missões, e mesmo havendo mais perdas, obtiveram excelentes resultados, inclusive no dia 22 de abril, que hoje é considerado o dia da Aviação de

Caça no Brasil, realizaram o maior número de ataques fazendo com que o Coronel Nielsen elaborasse uma proposta solicitando que uma condecoração chamada de Presidential Unit Citation, fosse destinada ao 1ºGAvCa.

Esse episódio também confirma a premissa de Maquiavel que diz que o líder que depender menos da fortuna e mais da virtù permanecerá mais tempo enquanto tal, ou seja, Nero Moura nesse momento não tinha a fortuna a seu favor, pois essa situação não era nada favorável, nada animadora ao Grupo, mas ele através de sua virtù conseguiu mantê-los em ação.

Segundo Lima (1989), Nero Moura foi um dos pioneiros do vôo na Aviação Militar. Em 1937, Nero foi escolhido para ser piloto pessoal do Presidente Vargas. Com os meios disponíveis de proteção ao vôo, foi muito cuidadoso enquanto piloto, nunca se ouviu uma história em que tenha havido risco de acidente com o Presidente a bordo. Após a guerra, ao regressar ao Brasil assumiu o comando da Base Aérea de Santa Cruz, atual sede do 1º Grupo de Aviação de Caça. No dia 29 de outubro de 1945, Vargas foi deposto, e neste dia, seu subcomandante, Major Aviador Nelson Novais Afonso, levou-o à presença do Brigadeiro Sá Earp, comandante do movimento revolucionário na área do Rio de Janeiro. Nero Moura se apresentou naturalmente ao Brigadeiro Sá Earp, supondo que se tratava de um chamado de rotina de serviço. Chegando lá, o Brigadeiro lhe perguntou: “As Forças Armadas estão unidas para depor o presidente Vargas. O senhor está conosco ou com o presidente?” e Nero Moura respondeu: “Com o presidente”. Imediatamente o Brigadeiro declarou: “O senhor está preso”. e mandou recolhê-lo numa dependência do Quartel-General da 3ª Zona Aérea.

Para Lima (1989), sua atitude foi de lealdade ao presidente e amigo, da mesma forma que foi leal a seus comandados. Sabedor que 99% dos oficiais do Grupo eram contra a ditadura do Presidente Vargas, nunca falou sobre política dentro ou fora do quartel.

Nero Moura como comandante do 1º Grupo de Aviação de Caça foi credor de respeito e admiração. Alguns pontos marcantes que Lima (1989) destaca no que diz respeito à personalidade de Nero Moura são: a lealdade com que serviu a seus amigos, principalmente o Presidente Getúlio Vargas, o fato de ter sido voluntário para defender o Brasil na Itália, abandonando a invejável posição que desfrutava junto ao presidente Vargas e ao Ministério da Aeronáutica, colocando a pátria em primeiro lugar e principalmente a liderança que exerceu sobre os comandados durante a guerra e, no regresso, durante a paz. Segundo Lima (1989), Nero Moura comandou o 1º Grupo de Aviação de Caça na campanha da Itália, revelando, no desempenho de suas 62 missões de guerra, perícia e bravura. É difícil comandar homens livres em tempos de guerra, mas ele os comandou.

3.1.1 Resultados do 1º grupo de caça na campanha da Itália

O Grupo embarcou no navio USS Colombie, no porto de Suffolk, no dia 20/09/44 e desembarcou no porto de Livorno, Itália, no dia 06/10/44. Os aviões alemães haviam sido quase varridos do céu e aos brasileiros coube a arriscada missão de ataque ao solo. Segundo a entrevista realizada com o diretor do filme Senta a Pua! (2000), Erik de Castro, durante os seis meses de operações no Teatro de Operações do Mediterrâneo, o Grupo, sob o comando de Nero Moura, teve um desempenho excepcional. Representando apenas 5% das missões executadas pelo XXII Comando Aerotático das forças aliadas, o 1º Grupo de Aviação de Caça destruiu 15% dos veículos, 28% das pontes, danificou 36% dos depósitos de combustíveis e 85% dos depósitos de munição da região norte da Itália ocupada pelos alemães.

Quadro 3: Resultados obtidos pelo 1º Grupo de Aviação de Caça na Campanha da Itália.

Alvos	Destruídos	Danificados
Aviões	2	9
Locomotivas	13	92
Transportes motorizados	1.304	686
Vagões e carros-tanques	250	835
Carros blindados	8	13
Pontes de estrada de ferro e de rodagem	25	51
Cortes em estrada de ferro e de rodagem	412	-
Plataformas de triagem	3	-
Edifícios ocupados	144	94
Acampamentos	1	4
Postos de comando	2	2
Posições de artilharia	85	15
Alojamentos	3	8
Fábricas	6	5
Diversas instalações	125	54
Usinas elétricas	5	4

Depósitos de combustíveis e munições	31	15
Depósito de material	11	1
Distilaria de petróleo	3	2
Estações de radar	-	2
Embarcações	19	1
Navio	-	1
Viaturas hipomóveis	79	19

Fonte: LAVENÉRE-WANDERLEY, 2002 apud PEREIRA, 2007.

Além dos grandes resultados apresentados pelo 1º Grupo de Aviação de Caça, o verdadeiro reconhecimento de que o Brasil realmente teve um excelente desempenho na guerra através do 1º GAvCa se apresenta através da Presidential Unit Citation. Segundo Lima (1989), a Presidential Unit Citation foi criada pelo governo norte americano cinquenta dias após o ataque à Pearl Harbor com a finalidade de condecorar as unidades de combate distintas pelo heroísmo, determinação e espírito de corpo, em um dado período, sob extrema dificuldade e condições de perigo, distinguindo-se das demais unidades participantes da mesma campanha. Como em princípio foi criada no intuito de homenagear coletivamente as Unidades das Forças Armadas dos EUA, a proposta de homenagear o 1ºGAvCa ficou arquivada por 41 anos, até que o processo foi recuperado e encaminhado por intermédio do Major John Buyers, Oficial de Ligação na época da guerra, para as autoridades norte americanas.

3.1.2 A Presidential Unit Citation

A Citação Presidencial de Unidade por extraordinário heroísmo ao Primeiro Esquadrão de Caça do Brasil, Forças Armadas do Brasil

O Primeiro Esquadrão de Caça do Brasil, Forças Armadas do Brasil, distinguiu-se por seu extraordinário heroísmo em operações militares contra um inimigo dos Estados Unidos no Teatro de Operações do Mediterrâneo, em 22 de abril de 1945. Ao prestar heroicos serviços com suprema bravura e ao demonstrar a consumada aptidão em matéria de reconhecimento armado e ataques com caças-bombardeiros, bem como ao mostrar excelente coordenação tática com o Quinto Exército, a Unidade contribuiu diretamente para que os Aliados cruzassem o Rio Pó. A Unidade destruiu grande quantidade de material e veículos do inimigo, assim evitando que este se refugiasse no esquema de segurança preparado em sua defesa na retaguarda. Ao descobrir, nas imediações de Mântua, Itália, um centro motorizado inimigo habilmente camuflado e fortemente defendido, a Unidade destruiu pelo menos 45 veículos e seguramente imobilizou muitos outros. Ao hostilizar pontões do inimigo

no Rio Pó, a Unidade ajudou a impedir sua retirada, frustrando quaisquer meios de evasão de muitos elementos germânicos. Por sua vigilante cobertura aérea de redes viárias e posições preparadas para batalha, a Unidade destruiu numerosos outros veículos, inclusive peças de campo blindadas, e hostilizou posições de trincheira. Embora as baixas sofridas tenham reduzido sua disponibilidade de pilotos a cerca da metade da dos esquadrões da Força Aérea dos Estados Unidos em operações na mesma área, a Unidade realizou idêntico número de surtidas, com desempenho incansável e superior ao normalmente esperado no cumprimento do dever. A manutenção de suas aeronaves foi altamente eficiente. Sérias dificuldades meteorológicas foram enfrentadas com excelente planejamento e navegação. Com insuperável capacidade de manejo de câmeras, a Unidade fotografou os resultados dos ataques e contribuiu para o registro pictórico de uma campanha histórica. De 44 sortidas, 11 missões aéreas destruíram nove transportes motorizados e danificaram outros 17. Ademais, a Unidade destruiu as instalações de um grupo de transportes motorizado, imobilizou 35 veículos de tração animal, danificou uma ponte rodoviária e um cruzamento de pontões, destruiu 14 prédios ocupados pelo inimigo e danificou outros três, atacou quatro posições militares e infligiu muitos outros danos. O profissionalismo, a dedicação ao dever e ao extraordinário heroísmo demonstrados pelos integrantes do 1º Grupo de Caça do Brasil confirmaram as mais finas tradições do serviço militar e refletem a mais alta reputação que conquistaram tanto para si como para as Forças Armadas do Brasil (REAGAN, Ronald apud PEREIRA, 2007, p. 94-95)

A Seguir, será abordado outro líder, que também se fez presente no Teatro de Operações da Itália lutando pelo Brasil na FEB durante a Segunda Guerra Mundial. A sua trajetória até o combate no norte da Itália se deu de uma forma distinta da de Nero Moura, mas apresentou, assim como o comandante do 1º GAvCa, ser um verdadeiro detentor da virtù.

3.2 Sargento Max Wolff

Figura 4: Sargento Max Wolff.



Fonte: <http://3.bp.blogspot.com/_sPSRVdF85kQ/RyoUFw9bTYI/AAAAAAAAABBY/xpsHbAQUBgU/s1600/Sgt+Max+Wolff+Filho.jpg> acesso em: 20 de abril de 2011.

Max Wolff Filho nasceu no dia 29 de julho de 1912, em Rio Negro, uma pequena cidade paranaense situada na divisa do estado do Paraná com o estado de Santa Catarina. Segundo Bayer (2006), Max Wolff foi o principal auxiliar do pai na fábrica de torrefação de café da família durante sua adolescência. Após o fechamento da fábrica, passou a trabalhar de escriturário nos armazéns de uma companhia de navegação. Algum tempo depois, a sua família mudou-se para Curitiba, e então, Max alistou-se no 15º Batalhão de Caçadores. Posteriormente, serviu no 30º Regimento de Infantaria, localizado no Rio de Janeiro, o já no posto de Cabo, Max Wolff teve participação destacada na Revolução Constitucionalista de 1932. Sendo ferido em combate, conquistou a estima e a confiança de superiores, pares e subordinados, em especial de seu comandante, o então Capitão Zenóbio da Costa, pelo destemor e pela coragem demonstrados em ação, tendo sido promovido ao posto de 3º Sargento.

Quando o então Major Zenóbio da Costa organizou a Polícia Municipal do Distrito Federal, convidou Max Wolff para integrá-la, fazendo parte de seu efetivo. Assim, no ano de 1935, comandando um carro de assalto da Polícia, Max teve participação ativa na reconquista do 3º Regimento de Infantaria, localizado na Praia Vermelha (BAYER, 2006).

Após a entrada do Brasil na guerra e definida a formação da FEB que atuaria no Teatro de Operações do Mediterrâneo, Max apresentou-se como voluntário e após ser considerado apto, foi incorporado ao 11º Regimento de Infantaria (11ºRI). Ao desembarcar em Nápoles com a sua Unidade, em outubro de 1944, seu regimento entra em combate no final de novembro do mesmo ano (BAYER, 2006).

Segundo Bayer (2006), quando o 1º Batalhão do 11º RI teve seu batismo de fogo, ou seja, entrou pela primeira vez em combate direto contra o inimigo, o Sargento Max Wolff destacou-se nas atividades de municionamento e resgate de feridos, desempenhando suas funções com audácia e determinação.

Em inúmeras oportunidades, o Sargento Max Wolff apresentou-se voluntariamente para comandar patrulhas. De acordo com Bayer (2006), as patrulhas consistiam em pequenas frações de tropa que se infiltravam no sistema defensivo inimigo a fim de realizar reconhecimentos, fazer prisioneiros ou resgatar feridos. Pelas qualidades evidenciadas nessas ações, conduzidas com excelência em terreno desconhecido e repleto de minas, Max Wolff foi condecorado com a medalha americana Bronze Star, condecoração militar das Forças Armadas dos Estados Unidos outorgada por bravura, atos de mérito, ou serviço meritório.

Em apenas quatro meses de campanha, segundo Costa (1978), esse excepcional combatente impôs-se à confiança e à admiração dos militares de todos os escalões

hierárquicos, por sua bravura consciente, por sua inflexível disciplina, por suas convicções democráticas e por sua serena energia.

Designado, inicialmente, para servir na Companhia de Comando de seu Batalhão e, portanto, sem ter sido ligado diretamente a atividades de combate, foi visto, em todas as ações de que o Batalhão participou e principalmente no ataque de 12 de dezembro ao Monte Castelo, levando munição para a frente de combate e de lá trazendo feridos enquanto durava a operação.

Mais uma vez, indicado por sua coragem e pelo excepcional senso de responsabilidade, passou a participar das ações de patrulha realizadas por qualquer uma das companhias, como trunfo indispensável ao êxito da incursão. Demonstrou, em várias oportunidades, bravura e sangue-frio, paciência e determinação, vigor, serenidade e capacidade de liderança (COSTA, 1978, p. 16).

Tais qualidades o colocaram ao comando de um pelotão de choque, integrado por homens de excepcionais atributos de combate e destinado especificamente às missões de patrulha.

No desempenho dessas tarefas, comprovou as notáveis qualidades de seu caráter, merecendo ser promovido a oficial por atos de bravura, sendo-lhe foi concedida quando foi abatido à frente de seus homens, em missão de patrulha, preparatória do ataque à Montese.

Um, dentre tantos episódios, de sua impressionante passagem pela FEB, exemplifica melhor o seu valor como líder:

Certa noite, no posto de comando do 1º Batalhão do 11º RI, em Bombiana, noite em que se seguia ao terceiro ataque mal sucedido a Monte Castelo, era intensa a atividade de recuperação e de reorganização de homens e materiais extraviados na luta, no levantamento de perdas, num cenário de sofrimento e de dor. Nessa ocasião, ainda não se sabia ao certo quem havia morrido, quem estava ferido ou tinha caído prisioneiro. Em meio a tantos soldados, faltava o comandante da 1ª Companhia, o Capitão João Tarciso Bueno, ajudante de ordens do General Zenóbio da Costa, que, por absoluta falta de recompletamento de oficiais, fora posto à disposição do escalão de ataque. Acreditando que estivesse morto em Abetaia, dentro mesmo das posições nazistas, aflito pela perda do companheiro, que ele mandara participar do ataque, o General Zenóbio mandou um emissário ao Batalhão, determinando que o corpo do Capitão fosse trazido. Assim, o comandante da unidade fez sentir ao General Zenóbio da Costa a extrema dificuldade da missão.

Segundo Costa (1978), passaram-se muitas horas até que se encontrasse o Sargento Wolff. Por volta de duas ou três da manhã, apresentou-se ao seu comandante, acompanhado

de um soldado padioleiro¹⁵. Estavam cobertos de lama, rasgados, exaustos e angustiados. Wolff ouviu, atentamente, o que dizia o comandante do Batalhão e o emissário do General. E respondeu-lhes com a serenidade e firmeza:

Coronel, diga, por favor, ao General Zenóbio que, desde o escurecer, este padioleiro e eu estamos indo e voltando às posições inimigas para trazer os nossos companheiros feridos. Faremos isso até que a luz do dia nos impeça de fazê-lo. Se, numa dessas viagens, nós encontrarmos o corpo do Capitão Bueno, nós o traremos também (COSTA, 1978).

Algumas horas depois, o Sargento Wolff trouxe de volta o corpo do Capitão Bueno vivo, todavia, gravemente ferido, que veio a ser socorrido por um soldado, sendo ainda possível, naquela madrugada, salvar muitas outras vidas (COSTA, 1978, p. 16).

Percebemos também nas histórias e relatos sobre o sargento Max Wolff que a virtù e a fortuna estão efetivamente presentes. Evidencia-se a virtù em sua bravura, coragem e destemor, além do foco nos resultados, que o levaram a executar suas missões com grande êxito. Em todas as suas missões, desde a sua participação na Revolução Constitucionalista de 1932, até as suas missões mais audaciosas na Itália, resgatando muitos companheiros feridos, em especial o Capitão Bueno, se fez um herói entre os demais combatentes. A fortuna pode ser identificada na sua promoção a 3º Sargento, o que lhe deu certa visibilidade, principalmente por parte do então Capitão, Zenóbio da Costa, que ao assumir o posto de Major convidou Wolff a integrar a Polícia Municipal do Distrito Federal. O sucesso do envio da Força Expedicionária Brasileira para a Itália é o principal fator que evidencia a fortuna, que se mostra essencial para que o desempenho do Sargento Wolff, como líder, seja um exemplo para os demais combatentes integrantes da FEB. O Sargento Wolff não precisava estar envolvido em situações de combate direto, mas ele exercia sua liderança juntamente a seus comandados (ver Quadro I), fazendo com que o seu exemplo no voluntariado das missões de patrulha fosse um fator de estímulo e motivação aos demais militares e combatentes.

Conforme a entrevista realizada para este trabalho com a historiadora e autora Virgínia Guimarães, diante de seus comandados diretos, Max Wolff influenciou-os pela liderança direta, incentivando-os e fazendo com que os seus comandados acreditassem e confiassem na sua capacidade de resolução de problemas. Em termos macro, para toda a FEB, a sua liderança assumiu um caráter muito mais simbólico, pois ele se transformou numa verdadeira lenda entre os ex-combatentes em geral, ainda que isso tenha tido uma proporção

¹⁵ Soldado encarregado de transportar os feridos em padiolas.

muito maior no pós-guerra, quando estavam sendo constituídas as memórias coletivas da FEB.

3.2.1 A morte do Sargento Max Wolff

O Sargento Max Wolff demonstrou coragem e bravura tanto a seus comandados quanto a seus companheiros e superiores. Suas habilidades voltadas para as atividades militares faziam dele um verdadeiro detentor das características do gênio guerreiro definido por Clausewitz (1979). Infelizmente ele morreu em uma de suas missões, mas morreu na frente de seus homens, exercendo sua liderança pelo exemplo. Talvez esse fato tenha contribuído para que ele tenha se tornado um grande herói, principalmente no pós-guerra.

Vi perfeitamente quando a rajada de metralhadora rasgou o peito do Sargento Max Wolff Filho. Instintivamente ele juntou as mãos sobre o ventre e caiu de bruços. Não se mexeu mais. O Tenente Otávio Costa, que estava ao meu lado no Posto de Observação, apertou os dentes com força, mas não disse uma palavra. Quando lhe perguntei se o homem que havia tombado era o Sargento Wolff, ele balançou afirmativamente com a cabeça (SILVEIRA, 1993, p. 163-164).

Segundo Silveira (1993), menos de uma hora antes de ser abatido, Max Wolff falou de sua filha, uma menina de 10 anos de idade, da sua condição de viúvo e comentou que a sua promoção a Segundo Tenente, por ato de bravura, chegaria em breve. Max Wolff havia partido com seus homens por sebes e ravinas, percorrendo a chamada terra de ninguém¹⁶. O primeiro objetivo da patrulha eram três casas, a menos de um quilômetro de sua posição inicial, que foram alcançadas às duas horas da tarde. O grupo cercou as três construções em ruínas e o sargento empurrou com o pé a porta de uma delas nada encontrando. Às duas e meia, a patrulha estava a cem metros do último objetivo a ser atingido: um novo grupo de casas sobre uma lombada. Quando o sargento deu alguns passos a frente, uma rajada de metralhadora, o atingiu mortalmente, fazendo com que caísse de bruços sobre a grama. Os outros homens se agacharam rapidamente, e os alemães começaram a atirar, bloqueando a progressão dos brasileiros com lançamentos constantes de granadas de mão e tiros de metralhadoras. Os alemães em seguida lançaram foguetes luminosos, pedindo apoio de artilharia, que minutos depois começaram a se deslocar no ar e explodir no caminho percorrido pela patrulha do Sargento Max Wolff. Por volta das dezenove horas, os homens da patrulha do sargento retornaram ao posto de comando do 11º RI, mas o corpo do sargento

¹⁶ Termo utilizado para designar um território não ocupado, ou território sob disputa entre as partes conflitantes.

Max Wolff havia ficado lá. Quando os padioleiros foram à terra de ninguém, recolher os mortos e feridos foram recebidos com rajadas impiedosas. Muitos dos homens que voltavam tinham os olhos rasos de água devido à morte do sargento. De acordo com Silveira (1993), no estreito compartimento onde Wolff guardava seus pertences, estavam a condecoração que o General Truscott colocara em seu peito, poucos dias antes, a citação elogiosa do General Mascarenhas e o retrato de sua filha.

3.3 Desempenho da FEB na Segunda Guerra Mundial

Segundo Carvalho (2009), os personagens de principal destaque na memória da FEB são alguns dos homens que lutaram diretamente nas frentes de batalha. Sob a blindagem da força, da bravura, do destemor, da astúcia e da coragem, foi construída a imagem do que seria o herói da FEB, como o Sargento Max Wolff, que foi condecorado com a medalha Bronze Star, recebida das mãos do General Lucian Truscott, comandante do 5º Exército dos Estados Unidos, Sangue do Brasil, além da Cruz de Combate de 1ª Classe, esta última, destacando que o sargento Wolff, agindo como voluntário tinha cumprido perigosíssimas missões no comando de patrulhas, tendo sido sempre bem sucedido e tendo constituído um belo exemplo para seus companheiros. Anteriormente à sua morte, o sargento Wolff já era conhecido pelo seu destemor e coragem.

Nessa guerra, onde o envolvimento de conflito direto para o Brasil durou cerca de oito meses, a FEB perdeu 457 homens, entre oficiais e soldados, e 2.722 soldados se feriram no Teatro de Operações do Mediterrâneo. Foram 35, o número de integrantes da FEB aprisionados pelos inimigos. Na relação dos soldados brasileiros mortos na Itália, o 1º RI vem em primeiro lugar, com 158 mortos. O 11º RI, perdeu 134 homens, e o 6º RI, 109. A FEB deixou no cemitério brasileiro da cidade de Pistóia, perto de Florença, 454 mortos. Desde o dia 16 de setembro de 1944, a FEB avançou, conquistando ao inimigo, cerca de 400 quilômetros, de Lucca a Alessandria, pelos vales dos rios Serchio, Reno e Panaro e pela planície do Pó. Libertou quase meia centena de vilas e cidades, sofreu mais de 2.000 baixas, entre mortos, feridos e desaparecidos, além de fazer o considerável número de 20.583 prisioneiros, inclusive dois generais: o general Otto Fretter Pico, comandante da 148ª DI alemã, e o General Mario Carloni, comandante do que restava da desbaratada Divisão de

Bersaglieri Itália. Ao total foram: 2 Generais, 892 oficiais e 19.689 praças. A FEB ainda capturou: 80 canhões, 5.000 viaturas e 4.000 cavalos.

Da conquista de Camaiore, na frente do rio Serchio, à rendição da 148ª DI alemã, em Collecchio-Fornovo, a FEB não deixou de cumprir uma só das missões que lhe foram atribuídas pelo General Willys Dale Crittenberg, comandante do 4º Corpo de Exército, ao qual a tropa brasileira estava incorporada. Porém, nem sempre foi fácil ou tiveram êxito imediato à execução das missões recebidas, como é o caso da conquista do Monte Castelo, que só foi concluída, depois de quatro tentativas rechaçadas pelos alemães. Durante a maior parte do inverno apenino, os alemães dominaram dos cumes de Monte Castelo, do Monte della Torracia e do Soprassasso, obrigando a tropa brasileira, a disfarçar seus movimentos sob a proteção do nevoeiro artificial produzido pela queima de óleo diesel. O General Mark Clark, que depois de comandar o V Exército foi designado como Comandante do XV Grupo de Exército enviou a seguinte mensagem para o Comandante da FEB, General Mascarenhas de Moraes, ao terminar o conflito:

‘Mostrou-se essa Força sob seu Comando ser capaz de enfrentar problemas novos, treinar e disciplinar-se para o combate no qual desempenhou parte relevante. A FEB refletiu as altas qualidades da nação brasileira, que enviou seus melhores filhos para lutar em solo estrangeiro, longe da pátria, pela implantação dos princípios de justiça e de liberdade’. Alguns anos depois de terminada a guerra, tanto o General Mark Clark quanto o General Willys Crittenberger, reconheceram, nos livros que publicaram sobre a campanha da Itália, que à FEB fora reservado, na última fase da guerra, o mais difícil setor da frente nos Apeninos.¹⁷

As principais vitórias da FEB foram: Mazzarozza 18.08.1944; Camaiore 18.09.1944; Monte Prano 26.09.1944; Fornacci 06.10.1944; Galicano 07.10.1944; Barga 11.10.1944; San Quirino 30.10.1944; Monte Cavalloro 16.11.1944; Monte Castelo 21.02.1945; S. Maria Villiana 04.03.1945; Castelnuovo 05.03.1945; Montese 14.04.1945; Paravento 15.04.1945; Monte Maiolo 19.04.1945; Riverla 20.04.1945; Zocca 21.04.1945; Formigine 23.04.1945; Collecchio 27.04.1945; Castelvetro 28.04.1945; e Fornovo 28.04.1945.¹⁸

Quando eu encontro os veteranos da *Aiborne*, são gente boa, mas como são legais os veteranos da FEB. Todos falam, até no Brasil falam: “ah, a guerra na Itália era moleza, como posso dizer? Mentira. Não é verdade! A guerra na Itália era terrível: frio, neve, granadas, minas e os alemães com seis anos de experiência. Os Brasileiros libertaram Piacenza, Suza, Turim. Os americanos, os ingleses queimaram tudo no fim da guerra. Os brasileiros limpam e doaram para os orfanatos. O brasileiro é grande de coração e grande combatente. A cobra vai estar sempre fumando!¹⁹

¹⁷ Fonte: <<http://tropasdeelite.5gbfree.com/brasil-FEB.htm>> acessado em: 08 de maio de 2011.

¹⁸ Fonte: <<http://www.anvfeb.com.br/campanhadafeb.htm>> acesso em: 09 de maio de 2011.

¹⁹ Depoimento historiador italiano de Giovanni Sulla, (vestido de veterano da FEB) para o filme *Um Brasileiro no dia “D”* (2006), no 60º aniversário da invasão da Normandia.

Segundo a entrevista realizada para essa pesquisa, com Virgínia Guimarães autora do livro *Ex-Combatentes do Brasil: Entre a História e a Memória*, a FEB certamente cumpriu o seu papel na campanha da Itália. Porém, não tinha grandes pretensões e nem se equiparava com os grandes exércitos do mundo, portanto era uma tropa de apoio que venceu grandes barreiras físicas, linguísticas e simbólicas, obtendo um excelente desempenho diante das inúmeras situações adversas. Por outro lado, no contexto macro da Segunda Guerra, apesar de o Brasil ter tido uma participação pequena em comparação com outros países aliados como Estados Unidos e Inglaterra, para o país propriamente dito, a participação foi muito importante no sentido de reforçar e modernizar as forças armadas, estabelecer novas relações políticas e econômicas e inserir o Brasil no cenário internacional.

Vemos então que o Brasil conquistou o seus objetivos com a guerra: A construção da Siderúrgica Nacional, a modernização dos equipamentos militares, além da aproximação com os Estados Unidos, principalmente no que diz respeito aos investimentos econômicos. Identificamos dessa perspectiva, que os líderes militares, de qualquer natureza, são os grandes responsáveis por fazer com que os interesses da nação, que não são alcançados por outros meios, sejam garantidos no campo de batalha.

Conclusão

A proposta apresentada por este trabalho foi a de identificar a importância da liderança militar nos conflitos armados, e demonstrar a sua relevância em termos nacionais e, por consequência, para as Relações Internacionais. Nele chega-se a conclusões e concepções acerca da liderança, da essência dos conflitos armados e do espírito humano, que foram sendo paulatinamente reveladas no decorrer desse trabalho.

Tomando-se a guerra, como um conflito armado, de extrema violência, onde cada uma das partes conflitantes agirá de forma a objetivar a derrota do seu inimigo, deixando-o sem possibilidades de ação, entende-se que cada uma delas irá procurar se armar da forma mais conveniente que estiver a seu alcance, preparar seus homens da forma mais eficiente possível e torcer para que o melhor aconteça, pois a guerra se mostra incerta devido a sua gama de variáveis. É justamente essa natureza incerta da guerra, que, somada ao fato da guerra ser a política por outros meios, ou seja, uma maneira de lutar para que os interesses políticos dos Estados sejam preservados no cenário internacional é que fazem do líder militar um

personagem importante que consiga estimular e instigar suas tropas a lutarem com todas as forças, visando garantir o objetivo de sua nação.

Este trabalho partiu da premissa que para o líder militar conseguir exercer essa influência e ter voz de comando sobre seus homens, ele precisa ser dotado de dois elementos: a *virtù* e a *fortuna*. A *virtù* consiste em um conjunto de características que um verdadeiro líder possui como: segurança, firmeza, foco, capacidade de comando, entre outros. A *fortuna* se caracteriza como um momento favorável, oportuno ou vantajoso que o acaso poderá promover, fazendo com que o indivíduo dotado da *virtù*, dela possa se aproveitar e alcançar uma posição de destaque, propícia para que exerça sua liderança.

Os líderes militares distinguidos no estudo de caso, desse trabalho, o Major Nero Moura e o Sargento Max Wolff, mostraram-se verdadeiros líderes por possuírem a *virtù* e terem se utilizado, cada um, à sua maneira, da *fortuna* para exercerem a sua liderança com excelência.

Identificou-se também, neste trabalho, que os resultados obtidos por uma equipe mostram o quão habilidoso e virtuoso é um líder. Um líder pode exercer uma liderança autocrática ou democrática, mas o que realmente vai comprovar a sua capacidade e habilidade são os resultados de seus homens, ou seja, se este líder está conseguindo convergir os resultados do campo de batalhas com os interesses políticos e estratégicos elaborados pela nação. Através das pesquisas e das concepções formadas durante a realização desse trabalho, encontrou-se outro elemento, comum aos dois personagens, que se mostrou muito importante para um líder: o exemplo. Nero Moura e Max Wolff eram verdadeiros combatentes e apesar de não terem sido designados para entrarem em combate direto, apenas darem o suporte necessário a seus homens, os dois, voluntariamente se envolviam pessoalmente nas missões de combate, colocando-se sob o mesmo risco e perigo que seus homens, e por isso, conseguiram ganhar a confiança e lealdade deles. Nero Moura e Max Wolff não comandaram usando só, respectivamente, patentes e graduação, mas sim, mediante o exemplo pessoal.

Percebeu-se também que os caminhos e origens dos dois personagens eram diferentes. Nero Moura era filho de fazendeiros e teve uma excelente educação e formação militar, tornando-se oficial aviador, enquanto Max Wolff teve, desde cedo, que trabalhar para ajudar a família, alistando-se como soldado, subindo de posto por seus méritos, chegando inclusive a ser promovido a oficial, postumamente. Isso mostra que a liderança não está relacionada com

as origens ou o nível social do indivíduo, mas sim ao fato do indivíduo ser possuidor da *virtù* e da *fortuna*.

Infere-se, também, deste trabalho que os dois líderes apontados foram verdadeiros gênios guerreiros, pois, segundo Clausewitz (1979), gênios são os indivíduos que exercem uma atividade particular, demonstrando certo virtuosismo e disposições próprias à inteligência e ao sentimento; quando essas disposições atingem um grau eminente e se manifestam através de façanhas e feitos extraordinários, identificamos o gênio nesses indivíduos.

Os objetivos políticos identificados no envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial foram dois: primeiramente responder às agressões alemãs aos navios brasileiros, que foram torpedeados, acarretando a morte de centenas de brasileiros, e principalmente, o de se aproximar dos EUA, no intuito de captar investimentos econômicos para o Brasil e modernizar o equipamento militar brasileiro. Por outro lado, os EUA tinham o interesse de contar com a cooperação brasileira para um projeto de defesa continental, visto que o litoral brasileiro, particularmente o Nordeste, representava um local apropriado para uma invasão alemã, representando um possível local onde se daria o início de uma frente de combate na América.

A política do presidente Vargas foi arquitetada visando aproveitar-se desse cenário, buscando principalmente o desenvolvimento do Brasil. Após intensas negociações o Brasil cedeu algumas bases no norte e nordeste do país aos norte-americanos, visando à defesa do continente. Conseguiu também enviar uma Força Expedicionária para lutar na Itália, definindo, por vez, o apoio brasileiro às tropas aliadas, e em contrapartida, o apoio para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional, a contribuição norte-americana para a modernização dos equipamentos militares brasileiros, além da cooperação econômica entre os dois países. Embora o nome do Brasil no exterior estivesse em evidência, nenhum outro país aliado apoiou o envio de um efetivo brasileiro para combater os países do Eixo.

Após muitas articulações políticas o Brasil conseguiu enviar a FEB ao Teatro de Operações do Mediterrâneo e coube às nossas tropas, embora muito mal preparadas, desempenharem bem o seu papel e reiterarem que o apoio brasileiro ao esforço aliado na Segunda Guerra não fosse em vão. Nesse contexto, percebeu-se que o papel do líder militar ganhou uma enorme relevância na condução da guerra, pois coube aos militares brasileiros citados neste trabalho, dentre outros, após todas as articulações feitas pelo Estado, garantirem que os objetivos delimitados fossem alcançados pela tropa. Ressalta-se que, além das

negociações que visavam o desenvolvimento do país, precisava-se dar uma resposta às agressões cometidas contra o povo brasileiro, além de provar o valor de nossa nação às potências da época para ganharmos espaço e certa relevância no cenário internacional. Coube, na ocasião, à liderança militar uma tarefa ainda mais árdua, pois teve que desenvolver a adaptabilidade do combatente brasileiro às condições do Teatro de Operações do Mediterrâneo e prepará-lo, num curtíssimo prazo, para que nele pudesse obter importantes resultados.

Nero Moura e Max Wolff foram dois líderes que representaram, mais do que os interesses, os ideais e os valores inalienáveis da nação, conseguindo contagiar seus subordinados e companheiros de luta, mediante o exemplo pessoal. Ambos exerceram suas lideranças com êxito e ilustraram como o líder militar é importante, principalmente numa situação configurada por um conflito armado. Demonstraram, no transcurso de suas carreiras, mesmo sob situações adversas, que os interesses e objetivos da nação devem ser colocados como prioridade e preservados pela busca da vitória sobre o inimigo nos campos de batalha.

Após a elaboração deste trabalho pode-se afirmar que esses dois líderes, dentre outros, contribuíram não só com a conquista da vitória nos campos de batalha, mas também participaram como atores coadjuvantes, após as negociações econômico-financeiras que envolveram Brasil e os Estados Unidos. Pode-se, do mesmo modo afirmar, que o Brasil é, sim, capaz de alcançar seus objetivos, auxiliar outras nações e ser merecedor de um espaço relevante nas Relações Internacionais. Contextualizando esse trabalho aos interesses do Brasil nas Relações Internacionais, como a ambição de um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, poderiam os atuais líderes e tomadores de decisão da nação brasileira se espelhar na atuação desses dois líderes militares brasileiros.

Referências

ADAMS, Ian; DYSON, R. W. *50 pensadores políticos essenciais da Grécia Antiga aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 2006.

ARGUELHES, Delmo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*. Organizado por Francisco Carlos Teixeira da Silva, Karl Schurster, Igor Lapsky, Ricardo Cabral e Jorge Ferrer. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

BAHIENSE, Alvaro Lima Martins. *A liderança na MB nos dias atuais*. Brasília: Escola de Guerra Naval-Marinha do Brasil, 2003.

CARVALHO, Virgínia Guimarães. *Ex-combatentes do Brasil: entre a história e a memória*. Minas Gerais, 2011.

CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. Brasília: Martins Fontes-UnB, 1979.

COSTA, José. *Os 14 pontos de Wilson ou “Uma Paz sem vencedores”*. 2010. Disponível em: <<http://blogdozepaulo.blogspot.com/2009/02/os-14-pontos-de-wilson.html>>. Acesso em: 12 maio 2011.

COSTA, Octavio Pereira da. 30 anos depois da volta. *O Expedicionário*, ano V, n. 60, Dezembro de 1978.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo império perecerá*. Brasília: Editora UnB, 2000.

FALCÃO, João. *O Brasil e a 2ª Guerra Mundial: testemunho de um soldado convocado*. Brasília: Unb, 1998.

FLORES, Braulio. *Ataque a Pearl Harbor*. 2008. Disponível em:
<http://tudoehistoria.pro.br/segunda_guerra/pearl_harbor/Ataque_a_Pearl_Harbor.pdf>.
Acesso em: 1 dez. 2010.

GILBERT ADRIAN. *Enciclopédia das Guerras: Conflitos Através dos Tempos*. São Paulo: M.Books do Brasil, 2005.

GUIMARÃES, Virgínia. *Ex-Combatentes do Brasil. Entre a História e a Memória*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

LAVNÈRE-WANDERLEY, Nelson. *História da Força Aérea Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Brasileira, 1975.

LE GOFF, J. Tática/estratégia. In: *Enciclopédia Einaudi: Estado-Guerra*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. v. 14, p. 373-395.

LIMA, Rui. *Senta a Pua!* 2. ed. Rio de Janeiro: Itatiaia Limitada, 1989.

MANO, Lucyane. 1940 - Pacto Tripartite: Alemanha Itália e Japão. **Hoje na história:** CPDOC JB. 2007. Set. 2007. Disponível em:
<<http://www.jblog.com.br/hojenahistoria.php?itemid=4919>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1998.

MAQUIAVEL, Nicolau. *Escritos políticos: A arte da Guerra*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

MOURA, Gerson. *Sucessos e ilusões - relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

NEWDICK, Thomas. *Aviões de guerra da Primeira Guerra Mundial à caça aos terroristas após 11 de Setembro de 2001*. São Paulo: Escala, 2010.

NOGUEIRA, Arnaldo. *Falando Francamente: Memórias de Arnaldo Nogueira*. Brasília: LGE, 2006.

NOGUEIRA, Flavio Schluckebier. O papel dos EUA e da URSS na reconstrução do Estado Alemão na República de Weimar. In: Encontro regional da ANPUH-RIO: Memória e Patrimônio, XIV, 2010. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação Nacional de História, 2010.

PASSARINHO, Jarbas. *A liderança militar*. Brasília: Ed. Bibliex, 1987.

PEREIRA, Maria Luiza Pigini Santiago. *Senta a Pua! Resiliência em ambiente de aviação: a experiência do Grupo de Aviação de Caça do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) – Curso de pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

RODRIGUES, Luiz. *A Primeira Guerra Mundial*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas; Atual editora, 1988. Discutindo a história.

SADEK, M. T. Nicolau Maquiavel: o cidadão sem fortuna, o intelectual de virtù. In WEFFORT, F. C.(Org.). *Os clássicos da política: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau, “O federalista”*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.

SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil vai à guerra: O processo de envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Barueri, SP: Manole, 2003.

SENTA A PUA!. Direção de Erik de Castro. Roteiro de Márcio Bokel, Erik de Castro e Carlos Lorch. Brasil: BSB Cinema Produções Ltda, Riofilmes, 2000. Documentário, 112 min.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *A FEB por um Soldado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

SILVEIRA, Joel; MITKE, Thassilo (Orgs.). *A Luta dos pracinhas. A FEB 50 anos depois uma visão crítica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

STOLPER, Gustav. *Historia economica de Alemanha (de 1870 a 1940)*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1942.

TZU, Sun. *A arte da guerra*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

UM BRASILEIRO NO DIA “D”. Direção de João Barone e Victor Lopes. Brasil, 2006. Documentário, 53 min.

VICENTINO, Claudio. *História geral*. São Paulo: Scipione, 2002.

Anexo A: Símbolo do 1º Grupo de Aviação de Caça

Figura 5: Símbolo do 1º Grupo de Aviação de Caça



Fonte: (<<http://verminose.wordpress.com/2009/06/27/o-brasil-esqueceu-a-vitoria-na-ii-guerra/>>). Acesso em: 06 mar. 2011)

Descrição²⁰

- A bolacha tem seu formato definido por uma elipse onde o eixo menor (horizontal) corresponde a 80% do eixo maior (Vertical)
- A faixa dupla verde-amarela (com espessura igual a 6% do diâmetro da elipse) que circunda o avestruz representa as cores nacionais e, por consequência, o Brasil.
- O avestruz, inspirado no perfil do Ten. Av. Lima Mendes, é uma referência bem humorada ao estômago dos veteranos do 1º GAvCa.
- O quepe representa o piloto, oficial da FAB.
- O escudo, a robustez do P-47 Thunderbolt e a proteção ao piloto.
- O fundo azul do escudo e o Cruzeiro do Sul em destaque lembram os céus do Brasil.
- A pistola simboliza potência de fogo do P-47 Thunderbolt.
- A nuvem representa o espaço aéreo, o 'chão' dos pilotos de caça.
- O fundo vermelho, o sangue derramado pelos mortos e feridos em combate.
- A exclamação "Senta a Pua!" é o grito de guerra dos homens que fazem parte do 1º GAvCa.
- O "flak" (bolota de fumaça e os estilhaços), acrescentado à bolacha após a guerra, representa a artilharia anti-aérea inimiga.

²⁰ Fonte: Lima (1989, p. 40).

Anexo B: Versão original da Presidential Unit Citation

THE PRESIDENTIAL UNIT CITATION (AIR FORCE) FOR EXTRAORDINARY HEROISM TO 1ST BRAZILIAN FIGHTER SQUADRON BRAZILIAN ARMED FORCES

The 1st Brazilian Squadron, Brazilian Forces, distinguished itself by extraordinary heroism in connection with military operations against an enemy of the United States in the Mediterranean Theater of Operations on 22 April 1945. By heroic services involving utmost gallantry and a display of consummate skill in armed reconnaissance and fighter-bomber attacks, and by demonstrating superb tactical coordination with the Fifth Army, they contributed directly to the Allied crossing of the Po River. They destroyed vast quantities of enemy material and vehicles, thus preventing the enemy from escaping to safety behind prepared defenses. By discovering a skillfully concealed and heavily defended enemy motor pool near Mantua, Italy, Germans with no means to escape. By their vigilant air cover of Road nets and prepared battle positions, they destroyed many other vehicles, including armored Field pieces, and harassed trench positions. The casualties that they suffered reduced their pilot strength to about one half that of the United States Army Air Force squadrons operating in the same area, but they flew an equal number of sorties, performing tirelessly and beyond the normal call of duty. The maintenance of their aircraft was highly efficient. They met serious weather difficulties with excellent planning and navigation. By the most capable employment of the camera, they photographed the results of their attack and contributed to the pictorial record of a historical campaign. Elven missions of 44 sorties were flown destroying nine motor transports and damaging 17. Additionally, they destroyed the facilities of a motor pool, immobilized 35 horse vehicles, damaged a Road bridge and a pontoon bridge, destroyed 14 and damaged three enemy-occupied buildings, and attacked four military positions and inflicted much other damage. The professionalism, dedication to duty, and extraordinary heroism demonstrated by the members of the 1st Brazilian Fighter Squadron are in keeping with the finest traditions of the military service and reflect the highest credit upon themselves and the Armed Forces of Brazil.

Ronald Reagan (Pereira, 2007:92-93)

Anexo C: Homenagens, monumentos e reconhecimentos

Figura 6: Busto do Comandante Nero Moura



Fonte: <http://www.flickr.com/photos/romero_asp/5722694117/> acesso em: 10/05/2011

O busto foi feito em homenagem ao ex-comandante do 1º Grupo de Aviação de Caça e patrono da Aviação de Caça no Brasil Nero Moura e está exposto no memorial Senta a Pua, na Base Aérea de Santa Cruz – Rio de Janeiro.

Figura 7: Jambock Azul



Fonte: <http://www.loucosporaeromodelismo.com.br/content/uploads/2011/04/1c2.jpg>

Figura 8: Homenagem da Azul ao 1ºGAvCa



Fonte: <http://www.planobrasil.com/wp->

Homenagem da Azul Linhas Aéreas ao 1º GAvCa. O avião foi batizado de Jambock Azul, pois Jambock era o nome de código dos pilotos do 1º GAvCa que significava chicote. Segundo Lima (1989), por ironia dos fatos, o *sjambock* (nome original) era utilizado pelos

brancos contra os escravos africanos, indonésios e malaios na época da apartheid e passou a ser utilizado contra os arianos puros de Adolf Hitler, manuseado pelos pilotos da FAB.

Figura 9: Inauguração do Busto do Sargento Max Wolff



Fonte: <http://www.anvfeb.com.br/busto_max_wolff_filho.htm> acesso em: 10/05/2011

Inauguração do busto do Sgt. Max Wolff Filho, na cidade de Montese. Estiveram presentes o Prefeito de Montese, alguns Pracinhas e o Cel. Felipe Linhares, Adido Militar na Itália.

Figura 10: Monumento da patrulha do Sargento Max Wolff



Fonte: <http://www.funceb.org.br/images/galeria/concurso/p_7_4b1f.JPG> acesso em:
10/05/2011

Figura 11: Foto que deu origem ao monumento da patrulha



Fonte: <<http://www.mauxhomepage.com/imagens5/luta19.jpg>> acesso em: 10/05/2011

Em 27 de abril de 2007, conforme Portaria nº 229, de 23 de abril de 2007, o Comandante do Exército, concedeu à Escola de Sargentos das Armas (EsSA) a denominação histórica "ESCOLA SARGENTO MAX WOLFF FILHO".

O Decreto N° 7.118, de 26 de Fevereiro de 2010 cria a medalha Max Wolff Filho, conferida a subtenentes e sargentos do Exército Brasileiro, em reconhecimento à dedicação e interesse pelo aprimoramento profissional, que efetivamente se tenham destacado no seu desempenho profissional, evidenciando características e atitudes inerentes ao 2° Sargento Max Wolff Filho.

Anexo D: Entrevistas

Entrevista com Erik de Castro, Diretor do Filme SENTA A PUA! (1999)²¹

1) Em sua opinião, o quão importante foi a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial?

R. Muito importante. É preciso lembrar que o Brasil foi agredido, devido a sua posição estratégica no Atlântico Sul, e daí não teve mais opção. O Brasil entrou na guerra de cabeça. As três forças: Marinha, Exército e Aeronáutica. O resto é história, não decepcionamos.

2) Você acredita que a liderança militar é um elemento fundamental num conflito armado de proporções mundiais? O que o leva a pensar isso?

R. Sim. Infelizmente é do homem guerrear. E sem estratégia, não há vitória. Os estrategistas, no entanto, geralmente não sujam os uniformes - e não raro se escondem por trás de interesses escusos.

3) Em seu modo de ver, Nero Moura foi um grande líder como comandante do 1º GAvCa?

R. Foi. Nero Moura sujava seu uniforme. Fez 62 missões na Segunda Guerra Mundial, já veterano de missões de aviação de guerra executadas em território brasileiro, durante a Revolução de 1932. Nero era guerreiro. Além disso, ele manteve o grupo unido em prol de um ideal, num momento historicamente difícil para o Brasil, pois o país vivia uma ditadura e enviou seus jovens (Nero tinha apenas 34 anos!) para lutar pela democracia. Ele manteve o grupo focado, proibindo que se discutisse três assuntos internamente: futebol, política e religião.

4) Em sua percepção, quais eram as características que fizeram dele uma referência em termos de liderança?

R. Tranquilidade, serenidade e decisão. Em suma, mantinha a hierarquia e disciplina com respeito mútuo a seus comandados, elementos que são a base para qualquer organização composta por seres humanos funcionar, não só a militar. Um set de filmagem desorganizado e desumano é o fim.

5) Você poderia citar um ou mais exemplos (com histórias, fatos ou relatos) que ilustrem e demonstrem na prática essa liderança do Comandante Nero Moura?

R. Essa é melhor você consultar o Brigadeiro Rui ou Meira. (Depoimentos no filme Senta a Pua! 1999).

²¹Entrevista realizada no dia 17 de maio de 2011 às 22: 49

6) Você acredita que a liderança do comandante Nero Moura foi fundamental para o desempenho do 1º GAvCa?

R. Sem dúvida. Todos seus comandados que prestaram depoimento para o meu "Senta a Pua!" foram unânimes em atestar isso.

7) Em que aspectos você acredita que o comandante Nero Moura conseguiu influenciar efetivamente o 1º GAvCa? Quais foram os principais resultados dessa liderança para o Grupo?

R. União e determinação. Isso vem de cima. Se teu líder não te inspira, você não dá a vida por ele. Entre 6 e 29 de abril de 1945, o Grupo de Caça do Brasil, representando 5% das surtidas executadas pelo XXII Comando Aerotático, destruiu 15% dos veículos e 28% das pontes, e danificou 36% dos depósitos de combustíveis e 85% dos depósitos de munição da região norte da Itália (ocupada pelos alemães).

8) Você acha que o 1º GAvCa cumpriu o seu papel na Segunda Guerra Mundial?

R. Com louvor. Basta ver os registros históricos acerca da atuação do Grupo (como o citado acima), inclusive sendo um dos poucos Grupos de Caça não americanos a receber a Medalha Presidential Unit Citation, dos EUA.

Entrevista realizada com Virgínia Guimarães, autora do Livro Ex-Combatentes do Brasil: Entre a História e a Memória.²²

1) Em sua opinião, o quão importante foi a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial?

R. Depende pra quem. No contexto macro da Segunda Guerra o Brasil teve uma participação muito pequena, mas para o país propriamente dito, a participação foi importante no sentido de modernizar as forças armadas, estabelecer novas relações políticas e econômicas e inserir o Brasil no cenário internacional. Além daqueles jovens que tiveram suas vidas diretamente transformadas por essa participação.

2) Você acredita que a liderança militar é um elemento fundamental num conflito armado de proporções mundiais? O que a leva a pensar isso?

²²Entrevista realizada no dia 1º de Junho de 2011 às 10:48

R. Depende. Se for para o sucesso da tropa nas batalhas, sim, pois a liderança é a principal mola propulsora de atitudes entendidas como corajosas, é ela que faz com que os outros sigam em frente diante de uma situação de risco e não desertem ou se esquivem das missões.

3) Em seu modo de ver, Max Wolff foi um grande líder como integrante da FEB?

R. No sentido lato da palavra sim, mas apesar dele ser uma figura ímpar, oficialmente ele nunca foi considerado um líder e sim um herói e existe uma diferença muito grande entre as duas coisas.

4) Em sua percepção, quais foram as características que fizeram dele uma referência em termos de liderança?

R. O voluntariado na hora de assumir missões de alto risco.

5) Você poderia citar um ou mais exemplos (com histórias, fatos ou relatos) que ilustrem e demonstrem na prática essa liderança do sargento Max Wolff?

R. Não saberia assim de cabeça, mas a coragem e o heroísmo dele estão sempre presentes no discurso dos veteranos e ex-combatentes, o que demonstra que o seu simbolismo ultrapassa o campo oficial e adquire uma áurea bem real.

6) Você acredita que a liderança do Sargento Max Wolff foi fundamental para o desempenho da FEB?

R. Não. Ele foi um exemplo isolado que ganhou um proporção significativa muito maior no pós-guerra que durante a guerra em si.

7) Em que aspectos você acredita que o sargento Max Wolff conseguiu influenciar efetivamente os seus comandados e os demais soldados da FEB? Quais foram os principais resultados dessa liderança para o Grupo?

R. Em termos micro, ou seja, diante de seus comandados diretos, ele influenciou pela liderança direta mesmo, incentivando e fazendo com que os seus comandados acreditassem e confiassem na sua capacidade de resolução de problemas. Em termos macro, para toda a FEB, a sua liderança assumiu um caráter muito mais simbólico, pois ele se transformou numa verdadeira lenda entre os ex-combatentes, em geral, ainda que isso tenha tido uma proporção muito maior no pós-guerra quando estavam sendo constituídas as memórias coletivas do referido grupo.

8) Você acha que a FEB cumpriu o seu papel na Segunda Guerra Mundial?

R. Certamente sim. Mas é preciso pensar qual era o papel da FEB na Segunda Guerra Mundial. Ela não tinha grandes pretensões e nem se equiparava com os grandes exércitos do mundo, portanto, era uma tropa de apoio que venceu grandes barreiras físicas, linguísticas e simbólicas, obtendo um excelente desempenho diante das inúmeras situações adversas.

Anexo E: Relação de navios Brasileiros torpedeados

Navio	Comandante	Submarino	Mortos	Salvos
01. Buarque	J.J. de Moura	U-432	1	64
02. Olinda	J. Benemond	U-434	-	46
03. Cabedello	P.V. Silveira	Da Vinci	54	-
04. Arabutan	A.A. Prado	U-155	1	50
05. Cayrú	J.M. Pequeno	U-94	53	86
06. Parnahyba	R.F. Diegolli	U-162	7	65
07. Com. Lyra ^(b)	S. Oliveira	Barbarigo	2	50
08. Gonçalves Dias	J.B. Figueiredo	U-502	6	46
09. Alegrete	E.G. de Sousa	U-156	-	64
10. Paracuri	n/d	U-159	-	-
11. Não Identificado	n/d	U-159	-	-
12. Pedrinhas	E.M. Vidal	U-203	-	48
13. Tamandaré	J.M. de Oliveira	U-66	4	48
14. Piave	R.P da Silva	U-155	1	34
15. Barbacena	D.T. Cunha	U-66	6	56
16. Baependy	J.S. da Silva	U-507	270	36
17. Araraquara	L.A. Freitas	U-507	131	11
18. Annibal Benévolo	H.J. da Silveira Mascarenhas	U-507	130	4
19. Itagiba	J.R. Nunes	U-507	36	145
20. Arará	J.C. Gomes	U-507	20	15
21. Não Identificado	n/d	U-507	-	-
22. Jacira	n/d	U-507	-	6
23. Ozório	A.G. de Carvalho	U-514	5	34
24. Lajes	O.S. da Silva	U-514	3	46
25. Antonico	A.M. Neves	U-516	16	24
26. Porto Alegre	J.F.P. de Medeiros	U-504	1	40
27. Apalóide	J.S. Silva	U-163	3	52
28. Brasilóide	E.G. de Souza	U-518	-	50
29. Affonso Penna	E.A. Basilio	Barbarigo	125	117
30. Tutóya	A.A. Farias	U-513	7	30
31. Pelotaslóide	J.P. Máximo	U-590	5	37
32. Shangri-lá	Pesqueiro	U-199	10	0
33. Bagé	A.M. Guimarães	U-185	26	106
34. Itapagé	A. da Barra	U-161	22	84
35. Cisne Branco	n/d	U-161	4	6
36. Campos	M.A. Gama	U-170	12	51

37. Vital de Oliveira	Capt. Frag. J.B. Roxo	U-861	99	145
38. Camaquã	N/D	Tempestade	33	N/D
39. Bahia	Capt.G.D e Albuquerque	Explosão	333	N/D

Quadro 4: Lista de navios brasileiros torpedeados por submarinos alemães Fonte:
<<http://www.sentandoapua.com.br>>

- (a) As ocorrências 01 à 27 referem-se ao ano de 1942, 28 à 36 ao ano de 1943, 37 e 38 ao ano de 1944 e a 39 ao ano de 1945.
- (b) Embora torpedeado não afundou, cabendo ao pequeno tãnder USS THRUSH em conjunto com o rebocador da Marinha brasileira HEITOR PERDIGÃO rebocar o navio danificado para Fortaleza (CE).